



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

Maradélia Adriano dos Santos

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR:
percepções dos alunos numa comunidade escolar**

Brasília
2011



Universidade de Brasília
Faculdade de Educação

**VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR-
percepções dos alunos numa comunidade escolar**

MARADÉLIA ADRIANO DOS SANTOS

Trabalho Final de Curso apresentado,
como requisito parcial para obtenção de
título de Licenciado em Pedagogia, a
Comissão Examinadora da Faculdade de
Educação da Universidade de Brasília, sob
a orientação da professora Shirleide Silva
Cruz.

Brasília
2011

VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CONTEXTO ESCOLAR- percepções dos alunos numa comunidade escolar

MARADÉLIA ADRIANO DOS SANTOS

Trabalho Final de Curso apresentado, como requisito parcial para obtenção de título de Licenciado em Pedagogia, a Comissão Examinadora da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília, sob a orientação da professora Shirleide Silva Cruz.

Comissão Examinadora:

Prof^a. Msc. Shirleide Silva Cruz (Orientadora)
Universidade De Brasília

Prof^a Dr^a Ana Lúcia de Abreu Gomes
Universidade de Brasília

Prof^a Dr^a Simone Aparecida Lisniowski

Brasília
2011

Dedico esse trabalho aos meus pais que sempre me apoiaram em todos os momentos, à minha eterna amiga Nicole Nagel que esteve, com toda paciência, ao meu lado e aos meus mestres, que fizeram parte da minha formação, fazendo com que eu acreditasse no poder de transformar o mundo através da educação.

VERDADE?

Para falar a verdade, nos inventamos, nos construímos em um personagem sufocando o nosso verdadeiro EU. Assim fingimos ser felizes e outros acreditam nessa farsa.

Montamos um mar de mentiras, uma pessoa perfeita, mas o perfeito não faz parte do real, não faz parte de uma vida feliz e verdadeira, pois estamos sufocados e mortificados por dentro por não nos mostramos tal como somos:

Somos erros e acerto,

Bem e mal,

Egoísmo e altruísmo.

Somos mistos de sentimentos mutáveis, um mix que não mostramos para a sociedade por medo de sermos julgados, condenados e excluídos das caixinhas criadas para cada fazer de nossa vida na sociedade.

Assim nos formamos marionetes narcísica dos que criam os padrões das caixas sociais que nos mortifica e nos trancam em um mundo surreal.

Maradélia Adriano dos Santos

AGRADECIMENTOS

Primeiro agradeço a Deus e a Meishu-Sama por terem me concedido a oportunidade de escrever esta monografia.

Segundo agradeço aos meus pais, pois sem o amor e carinho deles não teria chegado aqui.

Agradeço a Professora Shirleide Silva Cruz por ter me acolhido e por ter acreditado no meu trabalho e em mim.

A minha amiga Nicole R. Nagel por estar sempre comigo me auxiliando para que o desânimo e o medo não tomassem conta de mim.

Aos meus amigos de universidade e do trabalho que estiveram todo tempo juntos torcendo pelo meu crescimento acadêmico e pessoal.

RESUMO

Atualmente a violência escolar tornou-se alvo da mídia o que gera uma grande preocupação para sociedade e o que se observa nas escolas públicas e privadas é tentativas de camuflar a violência, com isso as instituições de ensino não buscam estudar o tema de forma efetiva para que haja uma mudança eficaz na forma de se trabalhar a violência no âmbito escolar. As escolas geralmente não sabem lidar com a violência o que acarreta a falta de espaço para debater e esclarecer o tema e levar ao entendimento de que antes de mais nada a violência deve ser conceituada de forma ampla para que posteriormente ela seja debatida e esclarecida de forma global pela comunidade escolar. O presente estudo tem como objetivo analisar a visão dos educandos em relação à violência escolar. Para fundamentar a análise dos dados construímos o referencial teórico com base em autores como Bourdieu (1975), Spósito (1998), Fante (2005), Vigotsky (2007), entre outros que estudaram essa temática há algum tempo. Participaram desse estudo 36 estudantes do Centro de Ensino Fundamental nº 07. Optamos pela metodologia qualitativa, utilizando como instrumento de construção de dados um questionário com nove questões, sendo três perguntas fechadas e quatro discursivas, além de observação e análise documental. Os resultados apontaram que os estudantes têm uma baixa percepção sobre violência escolar e violência simbólica. Obtivemos esta conclusão a partir da análise dos questionários aplicados, pois ao responder as questões os estudantes se contradiziam, notamos com isso que os educandos percebem a violência como fato isolado é como se eles tomassem a violência sofrida só para eles e não percebiam a violência como um todo no ambiente escolar.,

Palavras chaves: violência simbólica, violência escolar e educandos

ABSTRACT

Currently, school violence has become the target of the media which creates a great concern for society and what can be seen in public and private schools is trying to camouflage the violence, with that educational institutions do not seek to study the subject in an effective way to there is a change in the effective way of dealing with violence in schools. Schools generally do not know how to deal with the violence which leads to lack of space to discuss and clarify the issue and lead to the understanding that first and foremost the violence must be conceptualized broadly so that later it will be discussed and clarified so overall school community. The present study aims to analyze the views of students regarding school violence. To support data analysis the theoretical construct based on authors such as Bourdieu (1975), Sposito (1998), Fante (2005), Vygotsky (2007), among others who have studied this subject for some time. 36 students participated in this study at the Center for Elementary School n°07. We chose qualitative methodology, using as a tool for building a data questionnaire with nine questions, three and four discursive closed questions, and observation and documentary analysis. The results showed that students have a low perception of school violence and symbolic violence. We obtained this conclusion from the analysis of questionnaires, answer the questions because the students were contradictory, we note with what the students see violence as an isolated fact it's like they took the violence to themselves and not perceive violence as a whole school environment

Keywords: symbolic violence, school violence and students

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	7
ABSTRACT	8
SUMÁRIO	9
LISTA DE FIGURAS	11
LISTA DE GRÁFICOS	12
PARTE I	
MEMORIAL EDUCATIVO	14
PARTE II	
INTRODUÇÃO	25
CAPÍTULO I - REFERENCIAL TEÓRICO	28
1.1 Sobre o conceito de violência escolar	28
CAPITULO II - CAMPO DE PESQUISA	35
2.1 Aspectos teóricos metodológicos de pesquisa	35
2.2 O campo de pesquisa: Histórico da Escola	37
2.3 Perfil dos educandos pesquisados	42
CAPITULO III - ANÁLISE DOS DADOS	46
3.1 A visão dos educandos sobre a violência escolar	46

CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 54

BIBLIOGRAFIA..... 56

APÊNDICE 58

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Fachada Externa do CEF 07 1

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Gráfico de resultados do CEF 07 de Brasília no período diurno em 2009	1
Gráfico 2: Gráfico com a faixa etária dos alunos que cursam o Oitavo ano do CEF 07	1
Gráfico 3: Integrantes da família que moram com o estudante	43
Gráfico 4: Quantidade de pessoas que residem na mesma casa do Estudante.....	44
Gráfico 5: Renda da Família dos Estudantes	44
Gráfico 6: Conceito de Violência pela perspectiva do Educando.....	47
Gráfico 7: Porcentagem de Educandos que já sofreram algum teipo de Violência.....	48
Gráfico 8: Opnião dos Educandos em relação a existência de Violência na Escola	48
Gráfico 9: Tipos de Violência na Escola	50
Gráfico 10: Porcentagem de Educandos que sofreram violência na Escola	50
Gráfico 11: Tipos de Violência Sofridas na Escola	51
Gráfico 12: Violência sofrida foi relatada para Pais e/ou Professores.....	52
Gráfico 13: Reação dos Pais e/ou Professores	53

PARTE I
MEMORIAL EDUCATIVO

MEMORIAL EDUCATIVO

Meu nome é Maradélia Adriano dos Santos, tenho 29 anos. Sou estudante do curso de pedagogia da Universidade de Brasília e estou me formando, por este motivo estou relatando uma pouca da minha vida para vocês entenderem o porquê escolhi como tema Violência Simbólica no contexto Escolar para o meu Trabalho de Conclusão Final de Curso. Espero que durante a leitura da minha monografia vocês possam ser tocados de alguma forma para que olhem o mundo e o outro de forma mais ampla e sensível.

Então se preparem que a história vai começar:

Era uma vez uma menina linda chamada Fátima e vivia com sua mãe Julia e mais duas irmãs em uma casa no Cruzeiro Velho. Fátima tinha um primo de segundo grau muito bonito e legal, chamado Lourenço com o qual contava com a ajuda para poder sair para noites dançantes do Clube Pandiá, pois sua mãe só autorizava suas saídas se seu primo fosse junto.

Depois de um bom tempo saindo juntos para as noites dançantes e entre uma dança e outra Fátima desperta um sentimento diferente por Lourenço, que por sua vez não perde tempo e resolve declarar seu amor para Fátima. Então, certa manhã Lourenço ligou para Fátima e a convidou para comer uma pizza logo mais a noite, ela aceitou, e ai começou a saga de Lourenço que se estendeu pelo dia a fora de como falaria para Fátima que estava apaixonado e queria namorá-la, pois Fátima era sua prima de segundo grau, ele passou horas ensaiando como iria falar isso para ela.

Então, à noite, Lourenço buscou Fátima para irem ao Chopizza e entre um pedaço de pizza e outro Lourenço tomou coragem e se declarou para Fátima, que ficou surpresa e pediu um tempo para pensar. Mas esse tempo não demorou muito, começaram a namorar e um ano depois se casaram. No dia 20 de março de 1982 começa a história da Maradélia (Mara), pois no dia quatro de novembro do mesmo ano nasce a Mara. Fátima fica duplamente feliz, pois além de ser seu aniversário, ganhou o melhor presente de toda sua vida uma filha linda e saudável, Lourenço também não se agüentava de alegria, pois havia nascido o primeiro fruto de seu amor por Fátima.

Lourenço adorava ajudar Fátima com a Mara. Trocava fraldas, dava banho, colocava-a para dormir além de admirar sua linda filha. O tempo passou e dois anos depois no dia vinte nove de novembro de 1984, nasceu o segundo fruto desse amor um menino fofo chamado Marcos, Mara adorava apertar seu irmão e brincar com ele, porém exatamente um ano depois no dia vinte e nove de novembro de 1985 nasceu o terceiro fruto deste amor uma menina linda saudável chamada Mariana.

Mara adorava seus irmãos e se divertia muito brincado com eles, Mara falava para sua mãe que Mariana era sua boneca e sua mãe achava graça.

Passaram-se os anos Fátima já tinha trinta e sete anos, Lourenço trinta e cinco quando nasceu o quarto fruto desse amor. Para Fátima e Lourenço foram nove meses difíceis, depois do susto de saber, que após cinco anos de uma cirurgia de laqueadura de trompas ia ser mãe mais uma vez. Além disso, ficou sabendo que sua gravidez seria de alto risco por ter problemas de hipertensão e tireóide. Foram meses de tensão. No princípio, o pai da Mara sugeriu a Fátima que interrompesse a gravidez, Fátima ficou muito chateada e logo Lourenço voltou atrás.

Os pais de Mara tentavam disfarçar o que estava acontecendo mais ela sentia de alguma forma que algo de sério acontecia. Passados os nove meses, nasceu o José Henrique, um menino lindo, mas que tinha um problema no coração e os médicos falaram para Fátima e Lourenço que ele teria um mês de vida no máximo. Todos ficaram tristes. Mara chorava muito, pois já amava seu irmãozinho que acabara de vir ao mundo. Vendo aquela cena, Fátima decide fazer uma promessa para Deus e para os santos Cosme e Damião que se seu filho se curasse daquela doença ela daria Cosme Damião enquanto ele vivesse. A promessa foi atendida, foi ai que Mara percebeu que Deus era o alicerce da vida. Mara e seus irmãos além da educação intelectual tiveram, também, uma educação alicerçada na religião.

O tempo passou. Mara cresceu e estava na hora da menininha ir para escola, como era uma menina esperta logo se adaptou, fez amizades e adorava a hora do parque, pois era uma das horas em que sua imaginação criava vida, adorava também brincar de massinha que tinha cheiro de chiclete. Ela também tinha uma amiga muito especial com a qual gostava de brincar, tinha vezes que ela ajudava esta amiga com os trabalhos do colégio, gostava dela de verdade. Depois Mara foi para uma escola chamada Mundo Mágico. Lá ela foi alfabetizada.

Um tempo depois, Fátima fala para seus filhos que terão de mudar, que vão morar em um apartamento que Lourenço havia comprado. No começo Mara não gostou muito da idéia, pois ia perder o quintal onde adorava brincar com seus irmãos. Já morando no apartamento, Mara estudou

em duas escolas no Ciman na qual teve problemas para se adaptar e no Notre Dame, porém estas mudanças de escola não adiantaram. Mara reprova a primeira série. Então Mara vai para uma Escola Pública chamada Escola N° 05 do Cruzeiro Novo, lá ela cursou da primeira à quarta série, ela estudava pela manhã e de tarde fazia ginástica rítmica e desportiva com a Professora Cristina, fez amigos inesquecíveis, . Ela lembra de cada um deles, lembra-se também da professora da quarta série, cujo nome era Zelma. Ela era um amor, a forma dela ministrar as aulas era bem legal.

Na quarta-feira, tinha aula na biblioteca com a professora Helena. Era tão bom! Mara gostava muito de pegar livro na biblioteca para ler, mas com o passar do tempo ela foi perdendo essa hábito. Depois, Mara foi para Escola Classe 111 Sul, nesta escola, ela fez apenas a quinta série, mas lembra de todos os professores foi a melhor escola que ela já estudou.

Passa o tempo, Mara e seus irmãos crescem. Fátima e Lourenço resolveram mudar para outro apartamento, no qual suas filhas pudessem ter um quarto só para elas e seus filhos um quarto só para eles. Com esta mudança vem a mudança de escola e da sexta à oitava série Mara cursou na Escola Classe 409 Norte, mas conhecida como “Escolinha da nove”, na realidade fica na SQN 410 norte. Como estudante dessa escola, Mara pode frequentar, também, a Escola Parque. Lá ela fez aula de violão, vôlei, máscara e dança – sapateado, mas nessa época, Mara achava tudo muito chato, pois tinha acabado de mudar do Setor Sudoeste para Asa Norte. Já Marcos e Mariana se adaptaram bem. Mara teve muitos problemas, pois perdera seus colegas e não conseguia se adaptar à nova escola.

Quando cursou a sexta série foi um ano de desequilíbrio para a menina, tal fato afetou seus estudos e a convivência com sua irmã Mariana, elas passaram a brigar bastante e Mara novamente reprova. Seus pais ficam desapontados com ela e passam a fazer as coisas para ela por obrigação. Mara se revolta começa a andar com más companhias, seus pais não sabem lidar com a situação e acabam partindo para violência. Mara teve uma adolescência conturbada.

No ano de 2000, todos sofrem com o falecimento do avô querido de Mara, Com este “baque” ela começa a mudar seu comportamento e na escola Centro Educacional Paulo Freire, o antigo CAN, no qual cursava o ensino médio conhece uma amiga chamada Ruthinha. Elas passaram a fazer muitas coisas juntas e enquanto estudavam lá podiam fazer judô no horário contrário da aula participando de campeonatos de judô. Mara conseguiu vencer uma faixa laranja, não se sabe como, mas venceu. Ruthinha estava muito feliz com esta amizade e resolveu levar sua amiga para Igreja Messiânica para participar do coral, Mara descobre que adora cantar, logo leva sua irmã Mariana e seu irmão Marcos. Por meio do coral todos se tornaram membros da igreja exceto seu pai que continuou sendo católico. Nossa que época boa! Com o coral Mara viajou para vários

Encontros de Coros. Com 18 anos, ela termina o ensino médio, tem novamente a confiança de seus pais e o equilíbrio emocional de volta.

Mara começa a trabalhar, seu primeiro emprego foi como caixa na lanchonete da Faculdade IESB. Lá era uma chatice, os estudantes tratavam os funcionários muito mal, mas pelo menos o salário compensava, ela trabalhava quatro horas por dia e recebia R\$ 600,00 por mês. Estava bom, mas teve de sair, porque seu pai começou a pagar cursinho para ela e seus irmãos (Mariana e Marcos). Porém, Mara tinha muitas dúvidas para qual área iria fazer o vestibular. Ela foi relembrado de sua vida acadêmica e buscando em sua memória as matérias que tinha afinidade e depois de muito pensar chegou a três matérias História, Português e Artes Cênicas, por fim, escolheu artes cênicas e como segunda opção História. Foram três dias de prova específica para o curso de Artes Cênicas. No terceiro dia de prova Mara sentiu-se aliviada, mas ao mesmo tempo triste, pois sentia que não iria passar. E foi o que aconteceu, ela não passou na prova específica, então, começou a estudar mais do que já estava estudando, pois o curso de História era considerado de média concorrência. No dia da prova do vestibular Mara e seus irmãos fizeram a prova no mesmo lugar. Mara e sua irmã saíram da prova muito apreensivas, já o seu irmão saiu tranqüilo e sorrindo.

Então, no mês de fevereiro de 2005 saiu o resultado do vestibular apenas seu irmão Marcos passou para o curso de Ciências Contábeis, todos ficaram felizes. A situação financeira da família ficou um pouco complicada e Lourenço conversou com Mara e Mariana, que desta vez só dava para colocar uma das duas filhas no cursinho. Mara entende e cede a vez para sua irmã Mariana, e volta ao trabalho.

Neste novo trabalho, Mara conhece um rapaz muito legal chamado Paulo e logo começam a namorar e a fazerem planos. Passaram seis meses, sua irmã Mariana ingressa na Universidade de Brasília no curso de Pedagogia. Lourenço muito alegre, fala para Mara que agora era a vez dela fazer cursinho e passar. A menina não pensa duas vezes larga o emprego e passa a se dedicar aos estudos para poder ingressar na UnB.

Seu namorado dá todo o apoio e ao final de seis meses de dedicação Lourenço vê mais uma filha ingressar no Curso de Pedagogia na UnB. Todos ficaram muito felizes. Estava tudo dando tão certo. Fátima e Lourenço estavam orgulhosos de ter três de seus filhos na UnB.

Mara se lembra de como estava ansiosa para o primeiro dia de aula. Contava os dias para começar as aulas e entender como funcionava a tão famosa UnB. As aulas começaram no dia dezessete de julho de 2006, Mara estava totalmente perdida na FE quando encontra com outra

caloura que estava na mesma situação que ela: perdida. Até que encontram a sala na qual teriam aula, chegando lá à sala estava lotada e tinha uma professora extremamente autoritária e ríspida para com os alunos, ela estranha, pois sua irmã e amigos haviam contado que os professores eram bem acessíveis e o que a ela via naquele professor era o oposto do que sua irmã tinha falado. Mara continua na sala e um tempo depois entra o pessoal do Centro Acadêmico (CA) da Pedagogia que esclareceram que era apenas um trote e que podiam ficar calmos, pois não tinham professores como aquele na pedagogia. Eles explicaram como seria a primeira semana de aula e que estariam conosco para mostrar o funcionamento da Faculdade de Educação.

Durante estas semanas eles fizeram dinâmicas, mas o que mais marcou para Mara nesta primeira semana foi a quinta-feira, pois o pessoal do CA passou um filme para a turma chamado “Barra 68” que conta um pouco da história da UnB no período da ditadura e fala sobre um estudante chamado Hornestino Guimarães. Ao término do filme o CA promoveu um debate sobre o tema para saber qual era a opinião dos alunos, o debate foi bem proveitoso, pois Mara ampliou o seu conhecimento sobre o período da ditadura. A semana dos calouros foi encerada com um sarau.

Na semana seguinte começaram as aulas de verdade. Na segunda tinha aula de *Investigação Filosófica na Educação* com o professor Álvaro que por sinal é um bom professor. Nesta aula havia muitos debates sobre os textos lidos, no começo Mara se sentia meio burra, pois tinha que ler os texto pelo menos duas vez para entender o que Foucault queria dizer em seus texto, na terça tinha aula de *Perspectivas do Desenvolvimento Humano* com a professora Marta Kumlub. Era a disciplina que Mara mais gostava e que mais se dedicou, pois adorava ler os texto de Freud e de Nietzsche, tinha algumas dificuldades, mas seguia com a leitura. Na quarta tinha aula de Oficina Vivencial com o professor Armando esta disciplina marcou Mara por que leu Rubens Alves “Fomos maus alunos”, em alguns trechos deste livro ela se identificou com o que o autor escrevia.

Na quinta tinha aula de Projeto I no qual os alunos conheciam mais a fundo o que era o curso de pedagogia, o funcionamento de toda a Universidade de Brasília e sobre o sistema dos projetos que estava sendo implantado no curso de pedagogia nesta disciplina. Mara leu muitos livros bons que ajudaram ela saber mais sobre o curso que estava fazendo e sobre o que é educação. Ela fez um trabalho sobre Educação de Jovens e Adultos e com o auxílio do monitor da disciplina, ela entrevista a professora Maria Luiza Angelim que dominava muito bem este tema. Esta entrevista foi muito enriquecedora para vida acadêmica de Mara.

Sexta tinha aula de Antropologia e Educação com o professor Marcelo Reges particularmente Mara não gostava muito do professor, pois o achava meio pedante. Ele tinha um bom domínio da disciplina, Mara leu vários textos de alguns autores, mas o que lhe chamou a atenção foi Roque

Laraia com o seu conceito de cultura e assim foi o primeiro semestre: cheio de novidade e muitos conhecimentos.

O segundo semestre começou com o reencontro dos amigos feitos no primeiro semestre com conversas de como foram as férias, o que haviam feito de bom e quais as expectativas para este semestre que estava começado. Neste semestre Mara fez seis disciplinas, porém uma disciplina chamou atenção dela, que foi Projeto II com a professora Sandra que para ela mais parecia uma enciclopédia ambulante de tantos saberes que esta professora tinha. A aula era tão gostosa que Mara nem via a tarde passar. No decorrer desta disciplina o pessoal do DEX passou convidando os alunos para participarem de oficinas para a população de Santa Maria no Núcleo de Extensão.

Mara e mais alguns alunos se interessaram e decidiram por contação de história para as crianças. Fizeram contação e interpretação de duas histórias O jabuti sabido e O macaco metido de Ana Maria Machado e É de morte de Ângela Lagos. Esta oficina de contação foi um sucesso o que levou Mara e seus amigos a formarem uma equipe e fazer um projeto de extensão ligado à literatura cujo nome do projeto era “Quem Conta Encanta”. Durante as férias do mês de julho Mara e seus amigos e a professora Sandra Von Tiesenhausen se reuniam para escrever o projeto que seria submetido à aprovação no decanato de extensão.

O terceiro semestre começa com a notícia de que o projeto tinha sido aprovado e que receberiam três bolsas de DEX. Todos ficaram felizes com esta vitória e começaram a trabalhar para que as oficinas do “Quem Conta Encanta” acontecessem. Mara e mais uma amiga iam às escolas de Santa Maria falar sobre o projeto e convidar as crianças para participarem das oficinas, mas esta estratégia ainda não tinha dado *quorum* suficiente para o início da oficina. Então formaram um grupo de quatro pessoas e foram de casa em casa falar sobre o projeto e sobre a importância da literatura para a educação das crianças. Com esta segunda estratégia, conseguiram o *quorum* para começar a oficina. Foi feita a junção deste projeto com a disciplina obrigatória Projeto III do curso de Pedagogia que foi orientado por duas professoras: a Sandra e a Maria do Carmo. No decorrer do semestre as oficinas ocorreram tranquilamente, mas ao final do semestre tiveram uma notícia que deixou todos muito tristes - o Núcleo de Extensão da Santa Maria iria fechar e, por fim, Mara acabou saindo do projeto.

O quarto semestre para Mara foi meio complicado, pois tivera alguns problemas na vida pessoal que abalou toda sua estrutura emocional o que refletiu nos seus estudos e no trabalho. Porém Mara deu conta de passar nas quatro disciplinas que pegou: Sociologia da educação, Orientação educacional, Educação matemática e Didática fundamental.

Neste semestre Mara se dedicou mais a disciplina Educação Matemática com o professor Cristiano, pois ela lembrou-se de como tinha dificuldades em matemática no ensino fundamental e médio e com este professor ela viu que a matemática pode ser ensinada de uma forma prática e lúdica. A cada aula ela ficava mais encantada com a matemática que passou de vilã a mocinha em sua vida e toda aula pensava se sua professora tivesse feito assim teria aprendido muito mais rápido e com menos sofrimento.

Mara lembrou-se que cada nota baixa que tirou em matemática acarretava em castigo, então ela empenhava-se para aprender cada forma criativa e lúdica que o Cristiano mostrava nas aulas, pois pensava: “Quando estiver em sala de aula vou ensinar meus alunos de forma lúdica e prazerosa”, para que eles não detestassem a matemática. Mas para ela o melhor desta disciplina foi criar um jogo e levar para uma escola pública para ser avaliado pelas próprias crianças que falariam o que devia ser melhorado no jogo. Isso foi muito bom para ela, pois todo este trabalho fez com que ela se desligasse dos seus problemas pessoais.. O quarto semestre foi de aprendizado e de crescimento em todas as áreas da vida dela.

Quinto semestre, Mara começa com força total, pois de certa forma tinha superado o problema que tinha acontecido na vida dela. Neste semestre ela pegou cinco disciplinas, História da educação, Educação infantil, Processo de alfabetização, Matemática II e Políticas públicas da educação e uma monitoria na disciplina Educação Matemática I com a professora Solange,. Essa monitoria serviu de aprendizado tanto para sua vida acadêmica quanto para vida profissional da menina. Tudo estava indo tranquilo nas disciplinas, Mara estava com sua vida organizada novamente, porém um mês antes do término do semestre a garota teve problemas com a professora de História da Educação Brasileira. Além das dificuldades com a professora, uma questão pessoal que Mara achava que estava resolvida voltou a assombrá-la novamente. Por fim ela abandonou a disciplina, pois tinha ressentimentos pois estava tendo alguns problemas com a professora e novamente procurou resolver este problema que à assombrava novamente. Saldo final deste semestre: Mara ficou com um MI no histórico e uma vontade de sumir do mapa.

Mara começa o sexto semestre com todo gás, estágio novo em uma escola na qual o ensino e o aprendizado são feitos de forma lúdica e muito eficaz, namoro reatado, planos de noivado e casamento - tudo ótimo. Disciplinas agradáveis, professores muitos bons, Mara volta a fazer disciplina com a professora do Projeto II a qual adora, a disciplina de Geografia na Educação maravilhosa, Mara faz novamente História da Educação Brasileira agora com outro professor. Recebe muitos elogios da coordenadora e da dona da escola na qual fazia o estágio - tudo ótimo. Porém, em meados do mês de maio 2009 Mara descobre que seu amado namorado está com outra

pessoa e que seu pai poderia estar com uma doença terrível, ela tenta se fazer de forte, pois era um momento muito tenso para ela e para sua família. Ela termina o semestre com boas notas, mas esvaçada por dentro.

O sétimo semestre ainda começa tenso, até que saem os resultados dos exames do seu pai, que tranquilizaram todos da família. Neste semestre Mara matricula-se em seis disciplinas o que quase a leva à loucura porque na realidade eram três disciplinas e dois projetos: projeto III Com a Carla Castelar e o projeto IV com a Norma Lucia. Projeto III foi um aprendizado sem fim, as aulas tinham muito conteúdo, mas a professora trabalhava de forma lúdica em oficinas o que a fez absorver o conteúdo de forma prazerosa.

O Projeto IV ela faz sobre literatura infantil, pois é um tema que gostava de trabalhar e que acompanhava Mara desde criança quando ela ia para aula de biblioteca e a professora contava histórias como ninguém. Mara lembra também que seu pai e sua mãe incentivavam sua leitura contando histórias e comprando livros para ela. A professora do Projeto IV era super atenciosa e solícita para com as dúvidas dos alunos. Mara se encantou pelas duas professoras dos projetos (Carla- Projeto III e Norma- Projeto IV) e pela forma de trabalho delas.

Mara fez o projeto IV de forma tranquila dentro do possível e o projeto III também. Final de semestre e de ano, notas boas e coração mais calmo, acalentado por Deus, pois Ele escutou seus pedidos e a amparou, carregou-a no colo nos momentos mais difíceis no ano de 2009.

Oitavo semestre começa logo com um título estampado pelos familiares e amigos: “Você agora é pré-formanda.”. E é claro que com este título vem todas as angústias de uma pré-formanda. Várias perguntas, a priori, sem respostas.

Será que vou conseguir me formar no próximo semestre? Qual o tema da minha monografia? O que realmente é uma monografia? Por onde começo uma monografia?

Surgem os professores de Seminário de final de Curso que tentam acalmar os futuros formados com suas inquietações e indagações sem fim. O oitavo semestre foi um semestre de procura e de reflexões para Mara, pois ela tinha que começar a escolher um tema para sua monografia, ela pensou em temas ligados a Literatura Infantil e a criatividade, mas ainda não se sentia motivada o suficiente para escrever sua monografia nestas áreas. Foi quando ela começou a ir às aulas de uma disciplina chamada Inconsciente e Educação. Quem ministrava as aulas eram dois orientandos (Rosa e Mauro) da área de mestrado da Professora Inês Maria. Eles trabalharam acerca de vários temas, mas o que eles aprofundaram mais foram aqueles que tinham como tese do mestrado – A Violência Escolar. O que tocou Mara, pois a cerca de dois anos atrás Mara havia

perdido um primo de forma brutal por causa da violência dentro das escolas. Desta forma ela conversou com Mauro e pediu ajuda para pesquisar sobre este tema. Mauro foi muito solícito com a garota, indicou leituras e um amigo que ele tinha dentro do Ministério Público que fazia parte do Conselho de Segurança contra violência escolar cujo nome era José Wanderley.

Mara marcou um horário com José Wanderley e ele lhe mostrou tudo o que era feito pelo conselho de segurança e dentre os projetos feitos pelo conselho de segurança ela se interessou pelos projetos de enfrentamento a violência escolar, mais especificamente por um que acontece na cidade de São Sebastião denominado Filosofança . Este projeto utiliza a filosofia e a dança com o objetivo de construir coletivamente a autonomia intelectual, corporal e moral dos jovens – traduzindo sua concepção de mundo em seu corpo – e de promover a Educação Estética. Esta formação foca no desenvolvimento de pessoas mais sensíveis à sua condição humana e à sua realidade através da Arte, auxiliando-as a pensar de forma crítica. Mesmo Mara tendo ficado encantada com o projeto ela não pode fazer o seu TCC sobre o projeto porém o tema já estava definido ela fará seu Trabalho Final de Curso sobre Violência no contexto Escolar.

Além de definir o tema de sua monografia Mara cursou mais seis disciplinas Canto Coral I, Seminário sobre trabalho final de curso, Avaliação nas organizações educativas, Criatividade e inovação na educação, Inconsciente e educação e Projeto III, uma monitoria na disciplina Ensino de história, identidade e cidadania para fechar o semestre,

Mara também começou um cursinho preparatório para o concurso do Seplag-Df e além disso ainda tinha toda a expectativas dos familiares dela, para ela se formar no próximo semestre e é claro passar no concurso. Finalizando o semestre Mara conseguiu escolher o tema de sua monografia, passar nas disciplinas e cumprir o acordado na monitoria. Por que para Mara missão dada é missão cumprida.

O nono semestre começa meio triste para Mara, pois constata que não poderá se formar, pois faltava uma disciplina obrigatória e alguns créditos. Ela resolve cursar cinco disciplinas, Fundamentos da arte na educação, Tópicos especiais em tecnologia educacional, Filosofia com crianças, Atividades Lúdicas em Início de Escolarização, Fundamentos da Linguagem musical na educação e Projeto IV. Mara cursou todas as disciplinas e passou com notas boas em todas elas.

Décimo semestre começa Mara se matricula em duas disciplinas, Gênero e Educação e Tópicos Esp. em Prát. Pedagógica e mais o Projeto V, ou seja, agora ela se forma?

Mara não se formou no décimo semestre por alguns problemas no decorrer do semestre com o trabalho de conclusão de curso, pois não ficou pronto a tempo. Mara fica um pouco triste e resolveu

trocar de orientador após conversar com alguns colegas de curso Mara opta por procurar a professora Shirleide Silva Cruz pois já havia feito a disciplina Avaliação nas organizações educativas e Mara gostou muito da postura da professora e de como ela desenvolveu o seu trabalho mesmo tendo acabado de entrar na universidade para substituir uma professora já conceituada na Faculdade de Educação. Mara toca em frente e agora no décimo primeiro semestre se dedica apenas a sua monografia e seu trabalho e no dia 19/12/2011 defenderá sua monografia e finalmente será uma pedagoga.

PARTE II
ESTUDO EMPÍRICO - MONOGRAFIA

INTRODUÇÃO

A violência é um tema comumente debatido por sua pluralidade, ela chama atenção dos cidadãos mais comuns. Por onde se passa sempre se escuta falar sobre violência. Ela está presente no cotidiano das crianças, na escola, dos intelectuais, nos meios de comunicação. Esse tema se mostra vivo na rotina da sociedade. Isso mostra o quão importante é a reflexão desse tema que apesar de ser muito debatido, não tem o aprofundamento necessário. Em outras palavras, é um tema muito discutido sempre superficialmente, sem buscar as raízes para se obter um entendimento mais amplo do problema.

Se a violência faz parte da vida cotidiana, ela se apresenta de diversas formas e nos diferentes grupos sociais, porém não atinge igualmente a todos. O entendimento que se faz da violência varia de pessoa para pessoa e até mesmo de grupos que fazem parte de uma mesma sociedade.

Na atualidade, o sentimento de individualidade tem dominado o sentimento da coletividade tornando-se peça-chave para a expansão da violência. A partir do momento que o individualismo se sobrepõe ao coletivo, fortalece o aparecimento de várias formas de violência em diferentes esferas da sociedade. Uma dessas esferas é a escola que rotineiramente tem sido alvo da mídia por protagonizar cenas de violência jamais imaginadas pela sociedade, uma vez que a escola é tida como espaço de formação de cidadão.

Ao observar a postura de crianças violentas ou violentadas, não se deve ignorar a existência de uma família violenta ou violentada e de uma sociedade que está no mesmo nível. A criança pode aprender agressão pelo simples fato de observar um comportamento agressivo de outras pessoas.

A criança absorve tais comportamentos e utiliza como resposta aprendida e depois representa na prática esse papel. A retenção do modelo apreciado não é um ato passivo, mas envolve alguns processos cognitivos que fortalecem a codificação de sua seqüência, desta forma a escola torna-se apenas um dos meios pela qual a violência pode se expressar.

O aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica e um processo através do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que a cercam. (VIGOSTSKI 1984 p. 69)

Portanto, torna-se impossível ignorar a violência no contexto escolar ou em qualquer ambiente que objetive direta ou indiretamente o educar. Tanto os educandos quanto os educadores estão envolvidos e cercados por atos de violência das mais distintas modalidades que fazem parte de seu cotidiano.

Durante a trajetória de constituição da escola enquanto instituição escolar vários fatos relacionados à violência tem gerado preocupações e reflexões sobre como este tema esta sendo trabalhado.

Em busca de um maior entendimento para sanar a dúvidas que sempre decorrem a respeito do tema violência escolar questiona-se o que seria a violência? Seriam apenas atos de vandalismos, depredações da parte física da escola? Seria o que se denomina indisciplina? Ou a violência estaria camuflada nos cadernos de relatórios de ocorrências? Existem vários caminhos a serem percorridos para que as dúvidas sejam sanadas.

Definir violência escolar é de certa forma complicado, pela existência de várias ações que podem caracterizá-la. Se considerar a violência escolar como uma transgressão da ordem e das regras da vida em sociedade, é difícil estabelecer os limites entre violência na escola e transgressões das regras.

Inclui entre manifestações de violência na escola: as violências verbais ou morais contra alunos, funcionários e professores e as violências denominada “duras”, pois estão previstas no Código penal e no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). São estas: violência contra os bens individuais (roubo e extorsão), contra a propriedade coletiva (vandalismo), violências físicas, comércio e tráfico de drogas e armas na escola.

“Violência escolar seria uma transgressão brutal da ordem escolar e das regras da sociedade. (DUPÂQUIER, 1999: 08)”.

O interesse pessoal por este tema surgiu pela proximidade com membros da minha família que sofreram direta ou indiretamente com a violência no contexto escolar e de noticia dos telejornais e de documentários que são feitos nas instituições de ensino e comunidades, nas quais os estudantes estão inseridos. Muitas notícias têm sido veiculadas sobre violência na escola, da precariedade do ensino publico entre outras questões.

Este trabalho teve como objetivo contribuir com o estudo sobre a questão da violência no contexto escolar, procurando entender como este tem se apresentado e sido discutido por profissionais da educação já atuantes e os que estão em formação. Para isso, foi realizado um estudo sobre a questão da violência escolar e como os educandos vêem este tema, considerando que o tema abordado gera muitas preocupações em nossa sociedade.

Dessa forma, este trabalho tem como questão de estudo a violência escolar e perceber como os alunos identificam a violência na escola e como se relacionam com ela?

Para tanto tivemos como objetivo geral:

- Analisar a visão que os educandos tem sobre violência escolar e como lidam com ela.

Elegemos ainda como objetivos específicos:

- Identificar a concepção de violência escolar que os alunos tem.
- Verificar as formas construídas pelos alunos quando vivenciam atos de violência na escola
- Identificar como os alunos vêem a forma com que a escola trata a violência.

Assim este trabalho esta estruturado com as seguintes seções:

No primeiro capítulo discorreremos sobre os conceitos de violência escolar e simbólica sobre a visão de alguns autores Bourdieu, Spósito, Fante, Vigotsky que abordam esse tema.

No segundo capítulo abordaremos os aspectos teóricos e metodológicos da pesquisa, histórico da escola e o perfil dos educandos pesquisados.

No terceiro capítulo faremos análise documental do plano político pedagógico e análise qualitativa dos dados obtidos por meio de questionário que foram aplicados aos educandos, tecendo assim algumas considerações.

CAPÍTULO I – REFERENCIAL TEÓRICO

1.1 Sobre o conceito de violência escolar

A constante preocupação com a violência e suas conseqüências para a sociedade são tão antigas quanto à própria existência da humanidade. No decorrer da existência humana e de sua evolução a violência sempre se fez presente. Portanto, delimitar o significado de violência não é uma tarefa simples, pois significa delimitar também uma concepção de sociedade.

Afirma-se que a violência cria um estado de tensão que acompanha a sociedade, pois pode abalar o convívio social de tal maneira que as varias camadas da sociedade não enxergam sua superação.

Conceituar violência torna-se um trabalho complicado, também porque ela se faz presente nas esferas privada e pública e tem como principais responsáveis pelos diferentes e diversificados segmentos que tecem uma sociedade a exemplo da escola, da família e do trabalho, dentre outros que compõem uma sociedade.

No decorrer da evolução social a palavra violência foi ganhando significados, cada um deles baseado no momento social-histórico-político da sociedade, isso significa que estudar este tema não é apenas conhecer os significados que a palavra violência possui, mas sim compreender o contexto social que os sujeitos estão envolvidos e suas concepções e valores pois, segundo Vigotsky(1984) o comportamento do homem está diretamente relacionado com as condições sócio-culturais do meio em que vive. Segundo Vázquez

O caráter da violência é humano, pois é do homem a necessidade de legalizar algo como seu, de dele fazer uso, modificá-lo, adaptá-lo, ocasionando a quebra de uma ordem natural a seu favor. E isso não é feito sem violência; ela se apresenta necessariamente neste processo. (VÁZQUEZ 1977 p.377)

Acreditando nesse universo a ser desvendado e julgando a concepção acima que não se faz suficiente para representar a realidade como a vemos, busca-se embasamento em outros autores e conceituações que melhor aprofundem o tema e com os quais se dialogue com maior identificação.

O conceito de violência na literatura não se restringe apenas a violência física, vai muito além, dando destaque para as questões ligadas a ética, política e a “violência simbólica”. A definição de “violência simbólica” será vista com mais detalhes posteriormente, mas em termos gerais é uma espécie de violência velada, que envolve questões ideológicas. Spósito (1998), por exemplo, cita a falta de diálogo e da capacidade de negociação para definir violência.

“violência é todo ato que implica a ruptura de um nexos social pelo uso da força. Nega-se, assim, a possibilidade da relação social que se instala pela comunicação, pelo uso da palavra, pelo diálogo e pelo conflito” (SPÓSITO 1998 p.60).

O conceito de violência simbólica também é abordado pelo sociólogo Pierre Bourdieu. Violência Simbólica é uma forma de coação que se apóia no reconhecimento de uma imposição determinada, seja esta econômica, social ou simbólica. A violência simbólica se funda na fabricação contínua de crenças no processo de socialização, que induzem o indivíduo a se posicionar no espaço social seguindo critérios e padrões do discurso dominante. Devido a este conhecimento do discurso dominante, a violência simbólica é manifestação deste conhecimento através do reconhecimento da legitimidade deste discurso dominante. Em Pierre Bourdieu, a violência simbólica é o meio de exercício do poder simbólico.

A noção de violência, portanto, tem diversos níveis de significação e irá depender muito do contexto histórico e cultural daqueles que praticam atos de violência.

Além disso, Spósito aponta a volatilidade do conceito de violência escolar. Atitudes antes consideradas transgressões usuais dos alunos, até então toleradas, podem ser classificadas atualmente como práticas de violência. O contrário também ocorre, condutas antes consideradas violentas podem ser consideradas fatos rotineiros pelos atores envolvidos. Spósito defende ser necessário investigar os aspectos relativos ao modo como essas definições de violência surgem no ambiente escolar.

Segundo Chauí (1998), a violência pode ser observada em atos concretos de agressão, destruição, transgressão de regras e ainda sob o uso da força de forma sutil, oculta, pelo uso da intimidação. Ou seja, não se trata somente de abusos físicos, mas de uma circunstância que oprime, reprime, violenta gradualmente, às vezes de forma quase imperceptível.

1. tudo o que abrange a força para ir contra a natureza de algum ser (é desnaturar); 2. todo ato de força contra a espontaneidade, à vontade e a liberdade de alguém (é coagir, constranger, torturar, brutalizar); 3. todo ato de violação da natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente por uma sociedade (é violar); 4. todo ato de transgressão contra aquelas coisas e ações que alguém ou uma sociedade define como justas e como um direito; 5. conseqüentemente, violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psíquico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror (CHAUI 1998 p.33-34)

Guimarães (1996) afirma que a existência de uma realidade opressora no ambiente escolar provoca o surgimento de atos de agressão. A imposição dissimulada de modelos de gestão pedagógicos por entidades superiores e o sistema de gratificações que avaliam as instituições que melhor cumprirem a proposta do Estado retiram a autonomia da escola que impede a aplicação de modelos pedagógicos que melhor atenda a sua realidade. Destarte, compete à escola exigir de seus sujeitos ordem e adaptação a regras sem ao menos levar em consideração se tem atendido a comunidade em suas necessidades.

No regime de uma sociedade disciplinar como a nossa, a punição ao discriminar os comportamentos dos indivíduos, passa a diferenciá-los, hierarquizá-los em termos de uma conformidade a ser seguida, ou seja, a punição não objetiva sancionar a infração, mas controlar, qualificar o indivíduo, não interessando o que ele fez, mas o que é, será ou possa ser (GUIMARÃES, 1996 p.94)

Existe outra especificidade de violência escolar em destaque atualmente, embora seja um fenômeno antigo mas na atualidade é denominado de *Bullying*. A definição do termo, segundo Fante (2007) é:

Bullying: palavra de origem inglesa, adotada em muitos países para definir o desejo consciente e deliberado de maltratar uma outra pessoa e colocá-la sob tensão; termo que conceitua os comportamentos agressivos e anti-sociais, utilizado pela literatura psicológica anglosaxônica nos estudos sobre o problema da violência escolar (FANTE 2005 p. 27).

Bullying pode ser visto como uma opressão intencional e repetitiva, sem motivação clara de alguns estudantes a outros, por meio de agressões físicas ou psicológicas, como por exemplo, apelidos pejorativos, xingamentos, gozações, ofensas no intuito de inferiorizar, ridicularizar, oprimir outrem. Faltam estudos que comprovem se tal prática causa traumas psicológicos as suas vítimas. Pinheiro (2006) destaca este tipo de violência e descreve sua existência no ambiente escolar:

A violência nas escolas também assume a forma de brigas e atitudes intimidatórias de colegas [...] A intimidação está frequentemente associada à discriminação de estudantes de famílias pobres, de grupos etnicamente marginalizados ou com características pessoais singulares (como, por exemplo, sua aparência ou alguma deficiência física ou mental). Na maioria dos casos, a intimidação é verbal, mas ela pode também envolver violência física (PINHEIRO-, Relatório global sobre a violência contra crianças. ONU, 2006).

Há um crescimento deste tipo de violência nas escolas. Aqueles que não se enquadram no padrão determinado socialmente são julgados e excluídos seja por não terem as características físicas esperadas, seja por não possuírem os bens do modismo de mercado, ou ainda por não possuírem a mesma evolução cultural necessária para estabelecer um diálogo com os membros do grupo. É um fator preocupante, a propagação da intolerância com a diversidade dentro das escolas. Esse cenário tem mudado, não é à toa que o termo tem aparecido constantemente na mídia e as escolas tem aberto espaço para discussão sobre o tema, embora incipiente.

A conscientização da existência deste fenômeno é muito importante e medidas devem ser tomadas para evitar e tratar essas manifestações, pois segundo Fante, os alunos vítimas de *bullying* podem sofrer por muitos anos no ambiente escolar, sem que o educador perceba o que está acontecendo. Ainda, segundo essa pesquisadora os agressores normalmente se distanciam e não se adaptam aos objetivos da escola, supervalorizando a violência como forma de obter poder, que podem futuramente levá-los ao mundo do crime.

Segundo Aléssio (2007), a violência na escola não é só física, intelectual ou econômica; há nela um tipo de violência velada, a violência ideológica, que tem como propósito a indução de valores de uma classe social sobre outra; é aquela que tem pouca visibilidade, mas que ocupa praticamente todos os espaços. Esta violência que se faz de forma dissimulada, principalmente pela ação pedagógica e é chamada de violência simbólica tendo assim origem na teoria de Pierre Bourdieu (1975).

O sistema educacional é cenário de variadas relações sociais que se estabelecem e se desenvolvem entre pessoas de diferentes idades, classes sociais e personalidades. Porém o formato educacional adotado por este sistema não corresponde a essas diferenças sociais, ou seja, a forma com que este sistema se estrutura reproduz as relações de dominação de classe, que é introduzida por meio da violência simbólica. Isso mostra que a escola não resolve os problemas sociais apenas os reforçam de forma brutal à medida que internaliza em seus alunos a relação de poder das classes dominantes sobre a classe dominada, um espelho do que ocorre na sociedade.

Segundo Bourdieu (1975), no interior de uma sociedade de classes existem diferenças culturais e por sua vez as classes dominantes possuem uma determinada cultura que adotam alguns

padrões, condutas e valores. Já as classes dominadas possuem outra cultura que têm permitido sua existência enquanto classes.

Porém, o sistema educacional fecha os olhos para essas diferenças sociais e culturais, o que acarreta um privilégio da cultura e dos valores das classes dominantes. Isto favorece os estudantes que estão inseridos neste padrão sócio-cultural, tornando a escola para estes uma extensão da família e de suas práticas sociais, enquanto que para os estudantes da classe dominada resta absorver a cultura das classes dominantes e assim o sistema educacional cumpre o papel de agente reprodutor das relações sociais de produção da sociedade capitalista.

Os estudantes da classe trabalhadora acabam se vendo dentro de uma instituição que rompe totalmente com os valores e saberes de sua prática social, sendo assim ignorados e desconstruídos na sua inserção cultural, acarretando a necessidade de aprender novos padrões ou modelos de cultura. Seguindo essa lógica, se torna perceptível a evolução educacional dos estudantes das classes dominantes que é alcançada mais facilmente, pois não se faz necessária a ruptura de seus valores e condutas sociais. Ao contrário do que acontece com os estudantes filhos da classe trabalhadora, que têm que desaprender uma cultura para aprender um novo jeito de pensar, falar e ver o mundo. Assim, os estudantes das classes dominadas inserem-se neste processo de desconstrução social para tentar se tornar um ser ativo nesta sociedade.

[...] o sistema escolar cumpre uma função de legitimação cada vez mais necessária à perpetuação da “ordem social” uma vez que a evolução das relações de força entre as classes tende a excluir de modo mais completo a imposição de uma hierarquia fundada na afirmação bruta e brutal das relações de força. (BOURDIEU - 1975 p.25)

Nas instituições de ensino, existe uma violência inerente e inevitável, a violência da educação, que despreza a cultura popular e faz interiorização da expressão cultural de um grupo mais poderoso economicamente e politicamente, faz com que os estudantes da classe dominada percam sua identidade pessoal e suas referências, tornando-se fracos, inseguros e mais sujeitos à dominação que sofrem na própria sociedade. A escola pública, por atender os estudantes da população trabalhadora, que precisam de seu auxílio, exerce de forma mais concreta a violência simbólica.

[...] no funcionamento de uma instituição escolar que, sem dúvida, nunca exerceu um papel tão importante e para uma parcela tão importante da sociedade como hoje, essa contradição tem a ver com uma ordem social que tende cada vez mais a dar tudo a todo mundo, especialmente em matéria de consumo de bens materiais ou simbólicas, ou mesmo políticas, mas sob as espécies fictícias da aparência do simulacro ou da imitação, como se fosse esse o único meio de reserva para uns a posse real e legítima desses bens exclusivos. (BOURDIEU- 1975 p. 60)

Por meio dos estudos de Bourdieu, pode-se abrir um leque de críticas sobre a educação pública brasileira que encontra-se decadente e detentora de uma educação excludente, porém existem esforços de uma parcela de educadores para que essa educação que hoje tem-se como excludente se transforme em uma educação de qualidade, democrática, universal, pública e gratuita, ou seja, uma educação pública brasileira que acredita na transformação social.

No âmbito educacional, a violência simbólica perpassa de forma despercebida, a violência das omissões e do discurso hegemônico, a violência física traz mais evidências e exige um professor de atitudes autoritárias e obsessão pela disciplina no âmbito escolar.

[...] e as violências mais ou menos importantes que, continuamente, têm tido como objetivo os estabelecimentos escolares mais deserdados, nada mais são que a manifestação visível dos efeitos permanentes das contradições da instituição escolar e da violência de uma espécie absolutamente nova que a escola pratica sobre aqueles que não são feitos para ela. Como sempre, a Escola exclui: mas a partir de agora, exclui de maneira contínua (...) e mantém em seu seio aqueles que exclui, contentando-se em relegá-los para os ramos mais ou menos desvalorizados. (BOURDIEU 1975 p. 45)

A violência física, no sistema educacional brasileiro, nas suas variantes, repercute de forma ampla o que acarreta o questionamento da autoridade do professor que por sua vez não conseguindo resolver os problemas, recorre a polícia.

A polícia para tentar conter a situação traz um desequilíbrio maior, pois produz uma situação da submissão pelo medo. Os professores buscam nas autoridades policiais a solução para um problema que deveria ser resolvido com medidas educacionais. A polícia tem em seu sistema a repressão como forma de solucionar os problemas, ou seja, ela não educa apenas reprime, a polícia entra em um contexto que não é o seu e acaba sendo genitora de situações de revolta e violência, num ciclo interminável.

A esta situação acrescenta-se o fato de que a intervenção da polícia na ordem escolar não só demonstra o desequilíbrio como evidencia as relações de dominação existencial no processo educacional: a dominação simbólica já não cumpre sua função e toma o seu lugar a violência explícita.

O sistema educacional é um espelho das diferenças sócio-culturais que reflete a burocracia educacional das políticas públicas que na teoria são agentes transformadores, porém na prática só consolidam as diferenças sociais fortalecendo a violência simbólica que com o decorrer do tempo dá lugar a violência explícita o que exige do professor a verdadeira postura de um educador que busca solucionar os problemas por meio de medidas educacionais e não por intermédio do poder de

Polícia do Estado. Mas os educadores não podem se colocar na posição de superiores, que ensinam um grupo de ignorantes, mas sim na posição humilde daqueles que comunicam um saber relativo a outros que possuem outro saber do senso comum. Não há saber nem ignorância absoluta: há apenas uma relativização do saber ou da ignorância (GADOTTI,1998).

CAPITULO II - CAMPO DE PESQUISA

2.1 Aspectos teóricos metodológicos de pesquisa

Este trabalho tem por objetivo analisar a visão que os educandos tem sobre violência escolar e como esse tema tem refletido na vida social e acadêmica.

Como este trabalho se trata de uma pesquisa social, é necessário buscar uma análise de acordo com as observações de determinado grupo social, sendo portanto, mais indicado a pesquisa qualitativa, que é um conjunto de técnicas usadas nas ciências sociais, pelas quais são obtidos dados de um número relativamente pequeno de respondentes dependendo da escala com que se trabalha, os quais não são analisados com técnicas estatísticas. Isto diferencia estas técnicas da pesquisa da quantitativa, na qual um grande número de respondentes fornece os dados que são analisados estatisticamente. Os métodos de pesquisa qualitativa são usados primeiramente como um prelúdio à pesquisa quantitativa. Eles são usados para definir um problema, gerar hipóteses, identificar determinantes e desenvolver meios de pesquisa quantitativa. São pouco caros e são rápidos. Por causa do baixo número de respondentes envolvidos, estes métodos de pesquisa exploratórios não podem ser usados para generalizar toda uma população, muito embora possa obter resultado preciso quando se trata de um nicho pequeno. Eles são, no entanto, muito úteis para explorar um caso e após podem ser usados em grande escala.

Assim optamos por utilizar o questionário que é uma técnica de investigação qualitativa de pesquisa, pois possibilita a organização dos resultados por categoria e também os resultados em porcentagens, composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito as pessoas, e tem por objetivo propiciar determinado conhecimento ao pesquisador.

O pesquisador pode formular o seu questionário com dois tipos de questões: questões abertas, dando oportunidade para o respondente expressar suas opiniões sem a restrição de uma resposta previamente definida, ou questões fechadas, onde os respondentes devem dar sua opinião a respeito de categorias pré- estabelecidas. Existem também diferentes estratégias quanto a elaboração do questionário: deve-se decidir entre a aplicação de questionários curtos, utilizados quando existem

uma quantidade muito elevada de respondentes, e pouco pessoal para avaliar os resultados, ou questionários longos, que abrangem mais variáveis. Porém, este tipo de questionário possui um custo muito alto de aplicação e tabulação. Os questionários que permitem aplicação maciça possuem custos baixos e tendem a ser bem aceita pelos respondentes.

Uma das vantagens da utilização do questionário como instrumento de pesquisa é a possibilidade de construir dados com varias pessoas ao mesmo tempo e dessa forma obter um número maior de informações. Entretanto, uma das desvantagens trazida por este tipo de instrumento é a ausência de dialogo entre pesquisador e respondentes para esclarecer possíveis duvidas. As vezes essas duvidas podem impedir o respondente fornecer uma resposta mais completa ou de fácil entendimento e como não pôde discutir essa duvida com o pesquisador dificulta a analise das informações.

Os questionários utilizados nesta pesquisa trazem questões que levam os respondentes a refletir e opinar sobre a violência no contexto escolar. Assim, a análise da visão dos educandos sobre violência escolar foi obtida por meio da aplicação de trinta e seis questionários para estudantes do oitavo ano do centro de ensino número 07 da Asa Norte. Para evitar o prolongamento da analise dos dados obtidos, decidiu-se por utilizar como recurso para tabulação das informações obtidas: gráficos nos quais foram quantificados cada grupo de resposta, cada um deles foi interpretado apontando considerações acerca de cada resposta do questionário.

A primeira parte do questionário foi composta por perguntas objetivas que foram realizadas com objetivo de identificar o perfil dos estudantes. Assim a análise foi relativamente fácil. O processo consistiu-se em quantificar o número de respostas para cada item e depois *plotar* os dados obtidos em um gráfico. Na segunda parte do questionário as questões eram abertas porque o objetivo era identificar a opinião dos alunos acerca do tema violência. Não bastaria já pré-categorizar os significados de violência para que eles escolhessem o que mais se identificavam. O objetivo maior era descobrir o que eles achavam que era violência para depois comparar com as definições encontradas na literatura.

Duas dificuldades foram encontradas na análise das respostas dos alunos. A primeira delas foi a própria leitura e entendimento de cada resposta. Infelizmente alguns dos alunos do oitavo ano não conseguiram expressar suas idéias e escrever sentenças com sentido completo. Depois de lidas todas as respostas, observou-se que existia uma recorrência de temas surgidos pelas respostas dos alunos.

Nesta segunda parte do questionário, a primeira pergunta era “O que você entende por violência?”. Esta foi a pergunta mais difícil de ser categorizada talvez porque tenha sido mais

genérica se comparada com as outras perguntas. As demais perguntas foram mais pessoais, por exemplo, perguntavam se o aluno já tinha sofrido algum tipo de violência e qual tipo de violência. São perguntas abertas, mas de certa forma objetiva, porque se o aluno tiver sofrido algum tipo de violência saberá dizer exatamente o que aconteceu. Enquanto, aquela pergunta é essencialmente subjetiva. Para esta pergunta obteve-se quatro grandes categorias: Agressão Física, Agressão Verbal, Agressão Psicológica e uma junção de duas categorias Agressão Física e Verbal. É importante destacar que em nenhuma resposta o aluno dizia exatamente que violência era uma agressão física ou psicológica. As respostas deles quase sempre definiam algum comportamento, ação ou sentimento. Por exemplo: “violência é bater, dar soco”, “violência é algo que nos faz ficar tristes”, etc.

2.2 O campo de pesquisa: histórico da Escola

O Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília foi criado pela Portaria nº 11, de 22 de janeiro de 2004, embora suas edificações já tenham sido, entre 2002 e 2003, utilizadas pelos alunos do Centro de Ensino Fundamental 07 do Paranoá, enquanto as instalações daquela instituição estavam sendo reformadas. Posteriormente, a partir de 2004, tiveram início as atividades pedagógicas do atual Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília com a transferência das turmas de 7ª e 8ª séries do GISNO. Nesse ano, dividiu-se o espaço físico com os alunos da Escola Classe 113 Norte, que também se encontrava em reformas. Somente a partir de 2005 é que esta instituição passou a funcionar em sua plenitude, nos três turnos. No diurno, com as turmas de sétimas e oitavas, e no noturno, com turmas de Educação de Jovens e Adultos(EJA), segundo segmentos, recebida da EC 306 Norte, e com o Programa Nacional de Inclusão de Jovem (PROJOVEM), conforme convênio do Governo Federal com o Governo do Distrito Federal, firmado no ano de 2006.

Em 2008, a escola recebe alunos e professores de 05 escolas que fecharam turmas e/ou turnos (EC 708 Norte, EC 711 Norte, EC 113 Norte, EC Varjão do Torto e EC 409 Norte) e passa a oferecer, no diurno, turmas de todas as quatro séries finais do Ensino Fundamental e, no noturno, EJA - primeiro e segundo segmentos, além de turmas de Aceleração de Aprendizagem nos três turnos.

Em 2010, são remanejadas as turmas de EJA, primeiro e segundo segmentos, para o CED GISNO, deixando de haver atendimento no turno noturno, e a escola recebe os alunos de séries finais oriundas da EC 113 Norte.

Com um IDEB¹ 3,4² em 2007, o CEF 07 de Brasília foi inserido no Programa de Desenvolvimento da Educação – PDE ESCOLA/MAIS EDUCAÇÃO³ em 2009. Como consequência, em 31/12/2009 são liberados os recursos do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação – FNDE para o desenvolvimento das ações previstas no Plano de Ação do PDE Escola passam a incorporar este projeto pedagógico.

Desde sua criação, o CEF 07 de Brasília vem atendendo uma clientela oriunda de diversas localidades do Distrito Federal, satisfazendo, a contento, essa grande demanda social.

Esta clientela é formada por 57% de alunos com endereço de residência ou de trabalho dos responsáveis na Asa Norte, e de 43% com endereços de outras regiões administrativas como Granja do Torto, Paranoá e Sobradinho. Do total de alunos, cerca de 3% são portadores de necessidades especiais.

-
- 1 O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) foi criado em 2007 pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais (Inep), em uma escala de zero a dez avalia a qualidade da educação, leva em consideração a aprovação e a média de desempenho dos estudantes em língua portuguesa e matemática. O cálculo do IDEB é feito a partir da taxa de aprovação dos alunos e da nota obtida na Prova Brasil, uma vez que se considera uma boa escola aquela cujo aluno permaneça somente um ano em cada ano de escolaridade e que ao mesmo tempo aprenda o que é esperado para o seu ano de idade. Cada ano de atraso na escolaridade do aluno diminui o IDEB da escola. Por conseguinte, escolas que reprovem muito terão o IDEB baixo mesmo que a nota na Prova Brasil tenha sido boa, além disso escolas que aprovem sem se preocupar com a qualidade de ensino terão o IDEB igualmente baixo. O objetivo do IDEB é mapear as escolas que precisam de mais investimentos como também fornecer assessoria para otimizar o ensino e os processos das escolas.
 - 2 O IDEB observado para as escolas públicas em 2007 foi 3,4 para o Ensino Fundamental e 3,2 para o Ensino Médio. O valor obtido de IDEB 3,4 obtido em 2007 pelo CEF 07 está dentro da média nacional. Mas ainda é um valor muito baixo se comparado com as escolas privadas que obtiveram índices de 5,8 e 5,6 para o Ensino Fundamental e Médio respectivamente.
 - 3 Plano de Desenvolvimento da Escola é um processo de planejamento que a escola desenvolve para a melhoria da qualidade do ensino. É elaborado de modo participativo com a comunidade escolar: equipe escolar, pais de alunos e outras partes interessadas. Com o PDE é possível analisar o desempenho, processos, relações internas e externas, valores, missão, condições de funcionamento e resultados da escola.



Figura 1: Fachada Externa do CEF 07

Os recursos do CEF 07 são oriundos de repasses do governo pelo Programa Dinheiro Direto nas Escolas (PDDE)⁴, conforme Resolução MEC 09/07, e local pelo Programa de Descentralização Administrativa e Financeira (PDAF)⁵, conforme Decreto 512/09, parcerias realizadas pela escola e contribuições voluntárias à Associação de Pais, Alunos e Mestre (APAM)⁶.

A infraestrutura do CEF 07 encontra-se em boas condições por ser uma escola nova, veja figura 1. Mas apresenta alguns problemas, por exemplo, escassez de equipamentos de áudio e vídeo no auditório para comportar a comunidade escolar, melhorias na mecanografia que precisa de máquinas reprodutoras com grampeadores elétricos, de foto copiadoras, de guilhotinas, Implementação de computadores para biblioteca a fim de catalogar o acervo, registrar empréstimos e devoluções e etc. Há ainda carência em relação ao material pedagógico, por exemplo, livros

4 O PDDE consiste na assistência financeira às escolas públicas da educação básica das redes estaduais, municipais e do Distrito Federal e às escolas privadas de educação especial mantidas por entidades sem fins lucrativos. O objetivo desses recursos é a melhoria da infraestrutura física e pedagógica, o reforço da autogestão escolar e a elevação dos índices de desempenho da educação básica. Os recursos do programa são transferidos de acordo com o número de alunos, de acordo com o censo escolar do ano anterior ao do repasse.

5 O objetivo principal do PDAF é oferecer autonomia gerencial às escolas e Diretorias Regionais de Ensino (DRE), possibilitando-lhes efetivas condições para colocar em prática seus projetos pedagógico-administrativo-financeiros.

6 A APAM é uma associação sem fins lucrativos que visa primordialmente a colaborar para o alcance mais eficiente do processo educativo. É através da contribuição da APAM que é possível fazer melhorias no funcionamento da escola, sob a forma de complementação da merenda escolar, realização de pequenos reparos, aquisição de materiais didáticos, etc. Parte do material pedagógico que o aluno recebe é reproduzido pelo sistema de copiadora e depende dos recursos da APAM.

didáticos de Inglês e Artes, Atlas, de novos mapas geográficos, históricos e científicos, incluindo tabela periódica, álbuns seriados, vídeos ilustrativos e livros para-didáticos, entre outros.

Em seu curto período de existência e funcionamento, colocou-se à disposição dos órgãos competentes para as mais variadas experiências pedagógicas como, por exemplo, as turmas de aceleração, parcerias com instituições e abrigos e, principalmente, com a inclusão de alunos com necessidades especiais.

Existe uma grande defasagem de *idade-série* dos alunos do CEF decorrente das reprovações sucessivas, ou de restrições socioeconômicas dos seus alunos que impediram a continuidade de seus estudos. Uma maneira encontrada pelo colégio para minimizar esta distorção e combater à evasão foi a criação de uma política de correção de fluxo – Projeto VEREDA, também conhecida como Aceleração. Os alunos com defasagem em dois anos ou mais de escolaridade são atendidos em Classes de Aceleração de Aprendizagem. A promoção do aluno à série/ano para qual demonstre aptidão ocorre ao final do ano letivo ou quando for o caso por indicação do professor e embasado nos resultados expressos no relatório descritivo e/ou notas.

O CEF 07 de Brasília encontra-se hoje em um processo gradativo de melhoria de resultados de aprovação. Em 2005, a taxa de aprovação era de 57,03% contra **40,04% de reprovação e 2,3% de evasão**. Em 2009, houve uma melhora significativa dos resultados de aprovação e reprovação com elevação da taxa de aprovação para 79,29% e redução da **taxa de reprovação para 13,62% e evasão para 7,16%**.

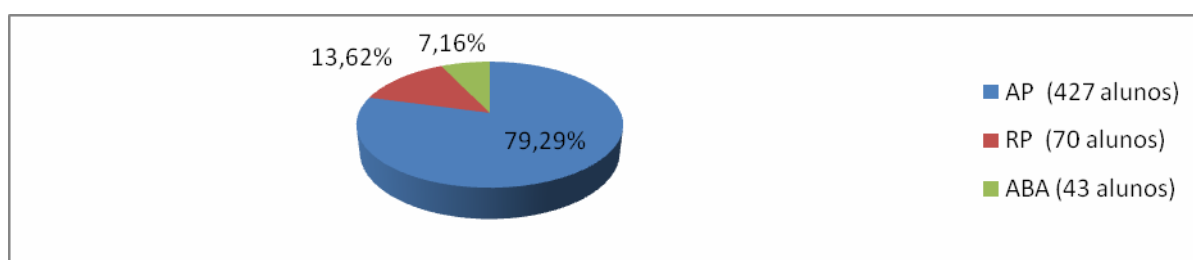


Gráfico 1: Gráfico de resultados do CEF 07 de Brasília no período diurno em 2009

Estas taxas de aprovação/reprovação/evasão tem se aproximado dos valores médios coletados pelo Censo Escolar/Inep, mas ainda está longe de ser a ideal. Segundo o Censo Escolar/Inep, em 2009 a região do DF obteve um índice de 88,7% de aprovação, 9,7% de reprovação e 1,2% de abandono para o Ensino Fundamental. Esta comparação não pode ser feita de forma rígida, uma vez que estas taxas são diluídas pelos valores reduzidos de reprovação de 1ª a 4ª série. Mas não justifica a alta taxa de abandono de 7,16% contra 1,2%, mesmo se levarmos em consideração a diluição da taxa. Ainda segundo o Censo Escolar/Inep a taxa de abandono escolar para o DF em

2009 foi de 2,2% para as turmas de 8ª série. Mesmo com o aumento da taxa de evasão, analisando somente a série escolar em estudo, esse valor ainda é muito alto.

O colégio, como visto anteriormente, em seu histórico apresenta altas taxas de reprovação e evasão. Alguns estudos e pesquisas mostram que existe uma relação direta entre a reprovação e evasão escolar com a violência escolar. No Estudo Sobre Evasão Escolar de Lucileide D. Queiroz, levantou-se que pela ótica dos pais/responsáveis a violência escolar no interior da escola é um fator determinante para a evasão escolar.

“Na perspectiva dos pais/responsáveis, os fatores determinantes da evasão escolar dos filhos devem-se à “má companhia” e à violência no interior da escola. No que tange à “má companhia” os pais/responsáveis em geral, afirmam que esta é consequência da necessidade de se ausentarem para trabalhar durante o dia todo e, em virtude disto, não têm tempo para acompanhar seus filhos, não somente no que diz respeito às atividades escolares, mas também, no que diz respeito às amizades.(LUCILEIDE, UFMT)”

Em outro estudo da Universidade Federal do Mato Grosso, observou-se que um ambiente escolar hostil e desequilibrado pode afetar a aprendizagem.

“Um ambiente escolar hostil e desequilibrado, poderá afetar seriamente não só a aprendizagem como também o desenvolvimento físico, mental e emocional de seus educandos. Um problema emocional decorrente de uma situação de violência, desestrutura a pessoa e reflete diretamente na aprendizagem, instaurando sentimentos de medo, de insegurança, as constantes ausências e posteriormente, a evasão escolar. (CEZAR, UFMT)”

Além desses estudos, encontram-se na literatura muitos outros que mostram a relação direta entre a violência e seu efeito no ambiente escolar.

“A violência afeta de modo significativo o ambiente escolar. A deterioração das relações prejudica a qualidade das aulas e o desempenho acadêmico dos alunos.” (Estudo da UNESCO)

Por conseguinte, devido a alta taxa de evasão escolar, ao histórico de altas taxa de reprovação e a existência de uma possível relação desta taxa com a violência escolar apontadas pela literatura, o CEF 07 torna-se um campo de pesquisa propício para atingirmos o objetivo de nossa pesquisa.

2.3 Perfil dos educandos pesquisados

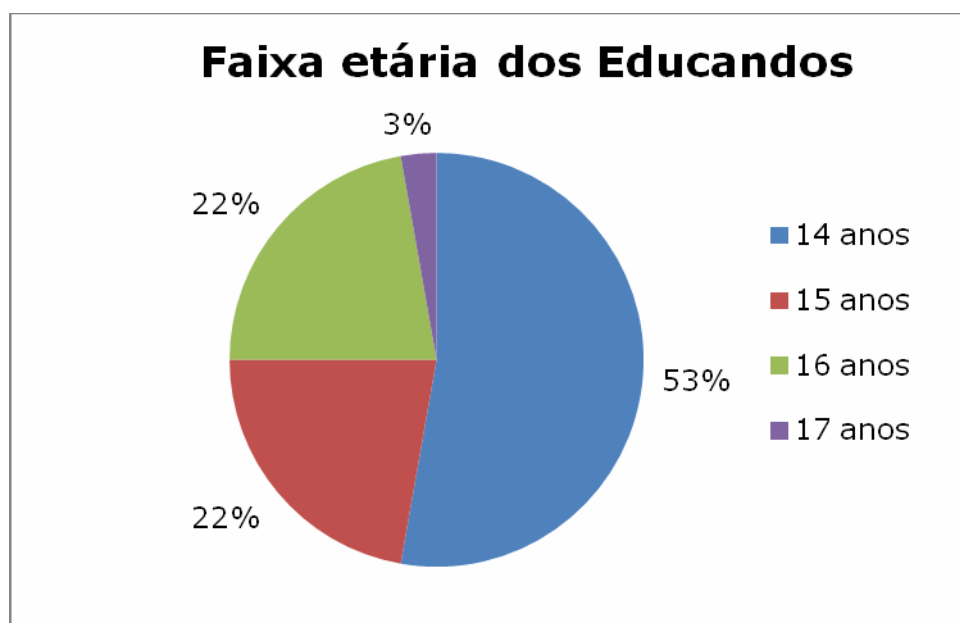


Gráfico 2: Gráfico com a faixa etária dos alunos que cursam o Oitavo ano do CEF 07

O questionário foi aplicado na turma de oitava série do CEF 07 de Brasília com a faixa etária de 14 a 17 anos, relativamente distribuídas, sendo que a maioria, cerca de 53% dos alunos possuem 14 anos. Os demais possuem 15 e 16 anos, representando 44% do total de alunos e apenas um aluno possui 17 anos.

Para entender a idade ideal dos estudantes de oitava série, é necessário recorrer a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). No artigo sexto, encontrava-se originalmente a seguinte redação:

Art. 6º É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula dos menores, a partir dos sete anos de idade, no ensino fundamental.

Este dispositivo foi alterado pela Lei nº 11.114/2005 que reduziu a idade para seis anos. Além disso, ampliou a duração do ensino fundamental para 9 anos e inseriu um dispositivo que garante um prazo até 2010 para implementação do ensino fundamental. A alteração deste artigo não altera a análise em questão, porque o ingresso no 1º ano do ensino fundamental de 9 anos letivos é assegurado para crianças nascidas até 28 de fevereiro de 2002. Partindo do princípio que todos

menores de idade ingressem no ensino fundamental com 7 anos de idade, na oitava série estes alunos terão 14 anos. Considerando ainda que muitos deles completem 8 anos ainda na primeira série, é possível que muitos possuam também 15 anos de idade. Em conclusão, apenas 23% dos alunos estão fora da faixa etária esperada para cursar a oitava série. Esta distorção de idade por série, é muito similar ao índice obtido pelo IBGE no ano de 2010. Segundo dados do IBGE, cerca de 21,5% dos alunos da rede pública do DF não possuem a idade adequada para cursar a oitava série (Fonte:IBGE).

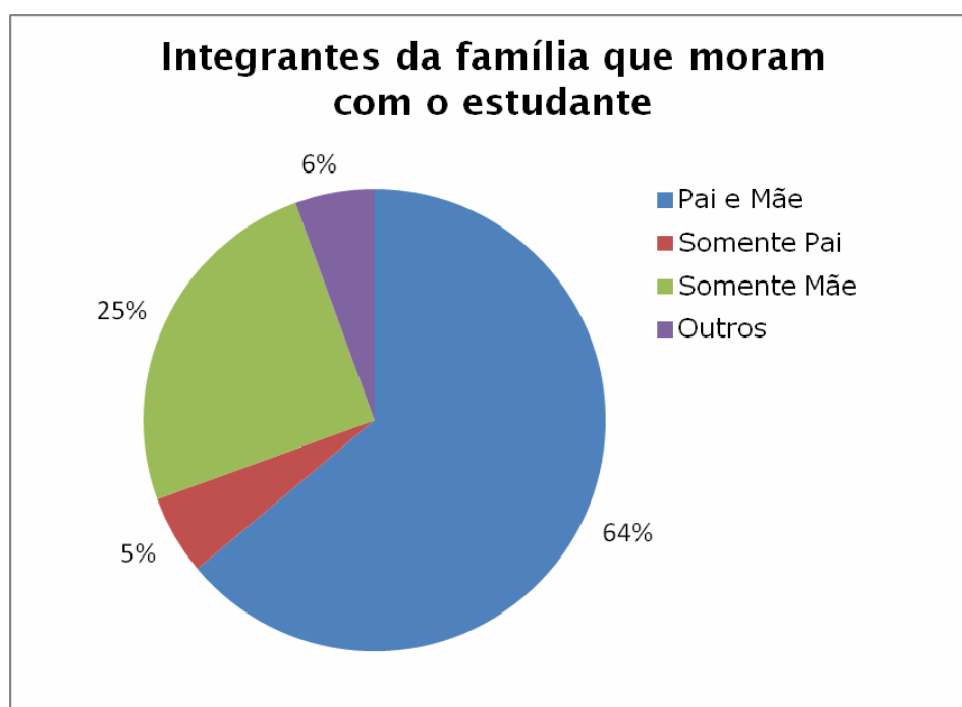


Gráfico 3: Integrantes da família que moram com o estudante

As famílias são compostas por pai e mãe em 64% dos casos. Enquanto, 25% residem somente com a mãe. Segundo a Síntese de Indicadores Sociais (SIS) de 2010, aproximadamente 17,4% dos domicílios são compostos por mulheres sem conjuge com filhos. O alto índice de estudantes que moram somente com mãe reafirma a mudança da composição familiar. Segundo dados do IBGE, desde 1995 tem crescido a proporção de famílias chefiadas por mulheres sem conjuge e com conjuge também. É um indicador que aponta não somente para mudanças culturais e de papéis no âmbito da família, como reflete a idéia de chefia "compartilhada", isto é, uma maior responsabilidade do casal com a família.

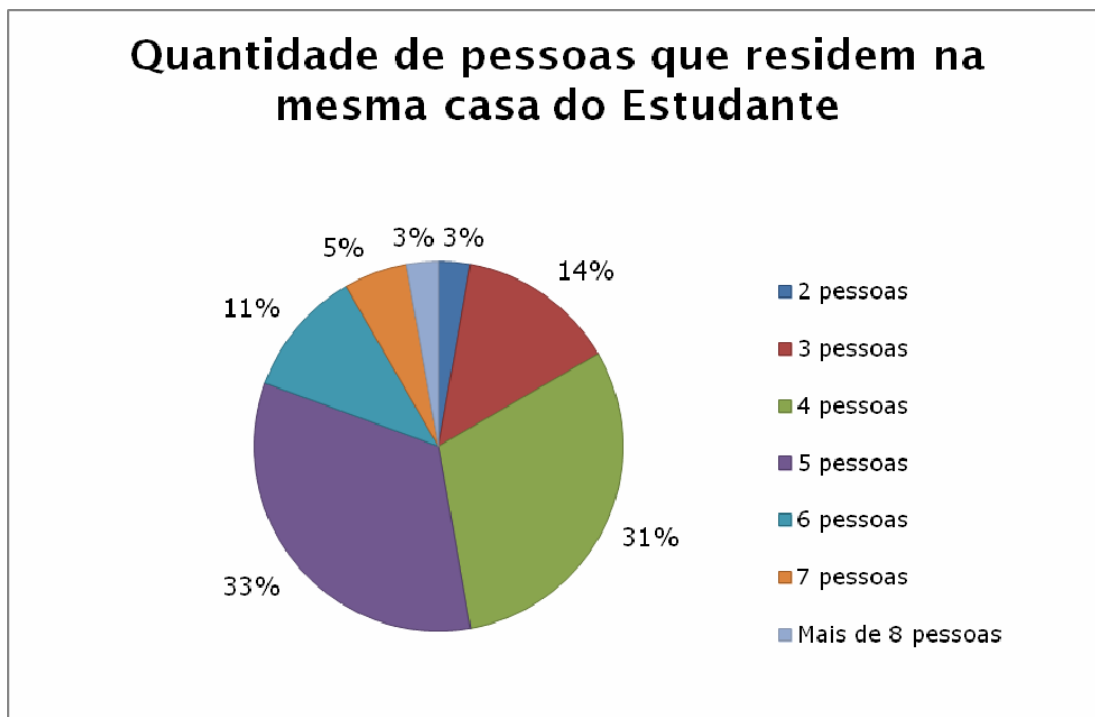


Gráfico 4: Quantidade de pessoas que residem na mesma casa do Estudante

Ao questionar os educandos a quantidade de moradores que residem em sua casa, observou-se que 31% e 33% destes domicílios são compostos por 4 a 5 moradores. É um índice alto, cerca de 64% dos domicílios são compostos por 4 a 5 moradores. A média nacional de pessoas por domicílio obtida pelo SIS 2010 foi de 3,3. Em termos quantitativos a média de moradores por domicílio dos educandos foi de 4,6.

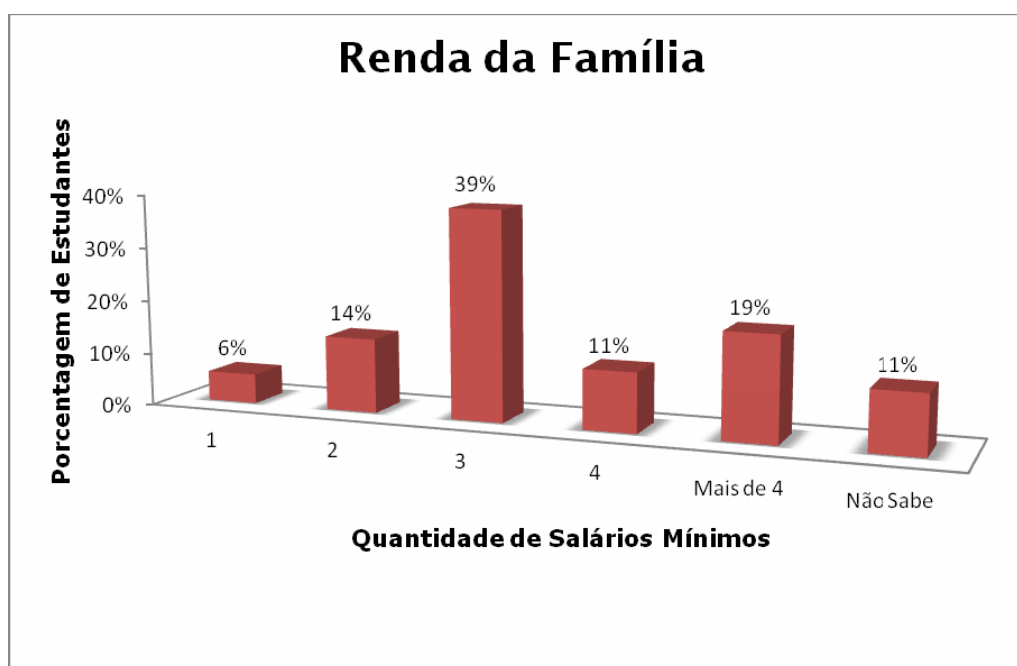


Gráfico 5: Renda da Família dos Estudantes

Constatou-se que 39% dos estudantes possuem renda de três salários mínimos, considerando o valor do salário mínimo de R\$540,00 (quinhentos e quarenta reais). A média ponderada da renda mensal dos estudantes é aproximadamente R\$ 1575,00 (mil quinhentos e setenta e cinco reais). Este valor é superior ao rendimento mensal do Centro Oeste obtido pelo PNAD em 2009, que foi de R\$ 896,61 (oitocentos e noventa e seis reais e sessenta e um centavos).

Com este cenário, conclui-se que os estudantes não podem ser considerados marginalizados socioeconomicamente.

CAPITULO III – ANÁLISE DOS DADOS

3.1 A visão dos educandos sobre a violência escolar

A definição de violência escolar se faz necessária para uma maior compreensão do contexto no qual a pesquisa foi feita. No estudo realizado no Centro de Ensino Fundamental 07 de Brasília, buscou-se perceber a concepção de violência dada pelo corpo discente da instituição.

Para o corpo discente violência representa agressão física, simbolizada pelo estupro, brigas, e depredação de bens públicos e também a falta de respeito entre as pessoas.

Durante uma conversa da pesquisadora com alguns estudantes do oitavo ano foi constatado que muitos deles não sabem exatamente o que é o Estatuto da Criança e do Adolescente- ECA e para o que serve.

Entre uma das falas dos estudantes esta teve maior destaque, para o conceito de ECA que eles tem: este ECA é um livrinho que a diretora pega para nos mostra que podemos ser presos por ter feito algo de errado. (Aluno do 8º ano do CEF 07).

Por meio da fala desse estudante nota-se um silêncio na escola que é imposto, assim a primeira impressão que fica é de que a escola esta livre de todo e qualquer tipo de violência. Um silêncio imposto por todos os segmentos e principalmente pela direção, que vela a violência e esconde tal fato com a aparência de uma escola calma, limpa e bem estruturada fisicamente, mas se parar por alguns instantes para conversar com alguns dos segmentos que estão de, certa forma, indignados com tal silêncio será observado que nestas escolas existem indicadores de que a violência do silêncio impera para que a nova gestão mostre para a comunidade escolar que o problema com a violência antes existente foi extirpado.

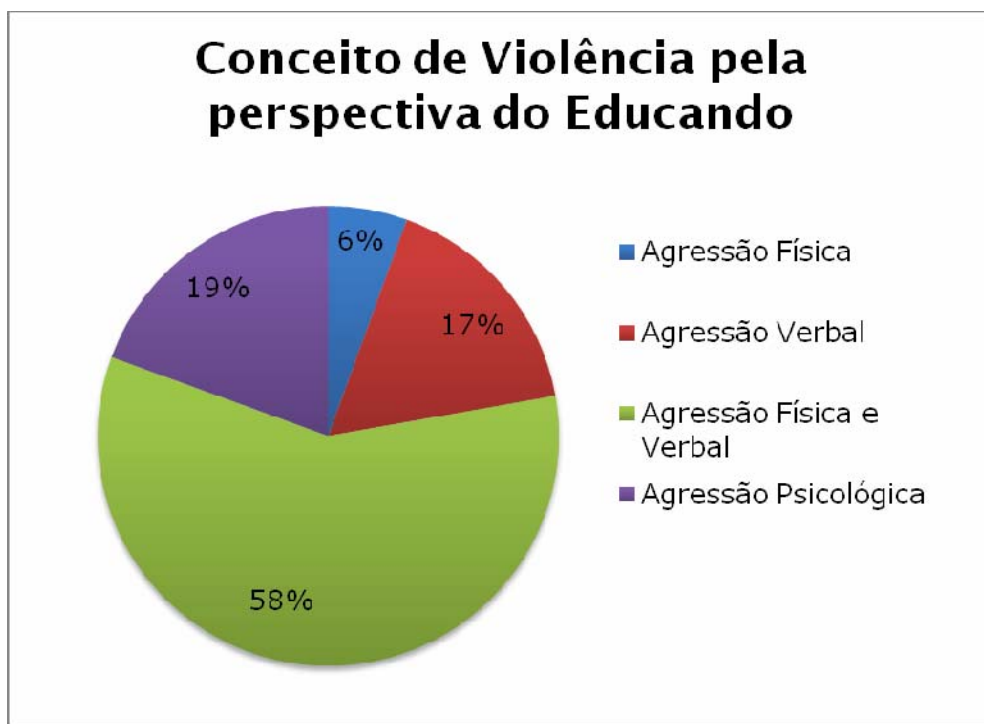


Gráfico 6: Conceito de Violência pela perspectiva do Educando

O Gráfico 6 mostra que 58% dos alunos acreditam que violência é uma agressão física e verbal. Enquanto, 19% dos alunos acha que violência é uma agressão psicológica. Nesta categoria estaria incluída a definição de violência simbólica de Bourdieu e o *bullying* que aparecerá mais tarde nas respostas dadas a outra questão. Apenas 17% dos alunos acreditam que violência é uma agressão verbal e para 6% dos alunos a violência seria somente uma agressão física.

Esta classificação não está distante da classificação encontrada na literatura. Fante (2005 p. 158-161), por exemplo, faz uma classificação das diversas formas de violências e suas principais consequências para que seja possível diferenciar os atos de violência com simples atos de indisciplina. Segundo esse pesquisador os atos de indisciplina são comportamentos previstos no Regimento Interno Escolar e vão contra as normas da escola. Já os atos de violência acontecem com grande frequência e nem sempre são identificados pelos professores.

Fante (2005) classifica ainda a violência em diversas categorias: quanto ao grau, quanto à forma, entre outras. Cabe aqui apenas analisar a classificação quanto ao tipo de violência. Segundo a classificação do autor quanto ao tipo de violência, existem quatro tipos: violência física e sexual; violência verbal; violência psicológica e violência fatal. Desta forma único tipo de violência não observada pelos estudantes foi violência fatal que poderia ser classificada como uma agressão física mais severa pelos alunos. Mas percebe-se que não existe uma grande diferença entre a percepção dos alunos com a categorização encontrada na teoria. É certo que os sujeitos em sua vida cotidiana não desenvolverá uma conceituação nos moldes dos estudos científicos, porém, podemos inferir que

tal distanciamento pode ser resultante de um não processo sistemático de análise sobre o tema da violência nas instituições sociais formais, a exemplo da escola, nas quais os estudantes estão inseridos.

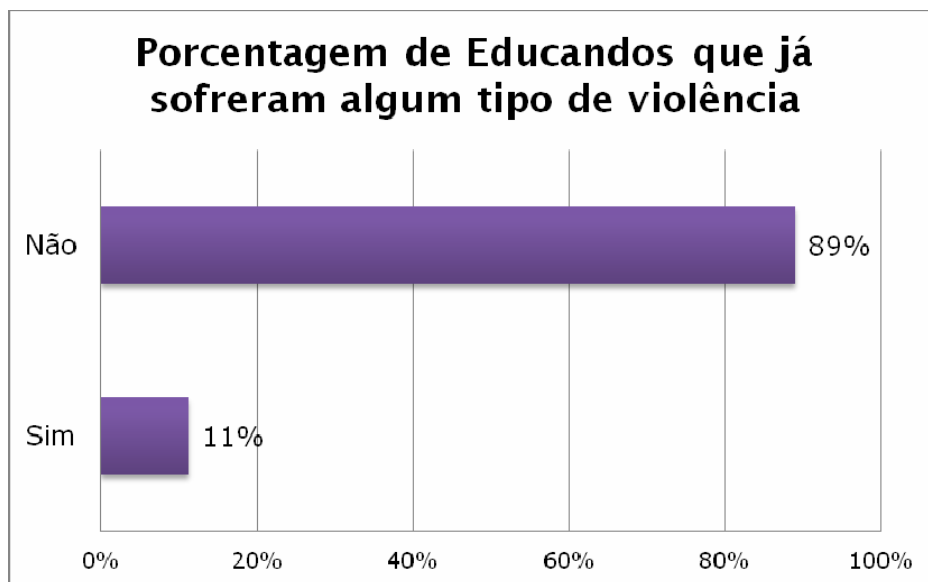


Gráfico 7: Porcentagem de Educandos que já sofreram algum teipo de Violência

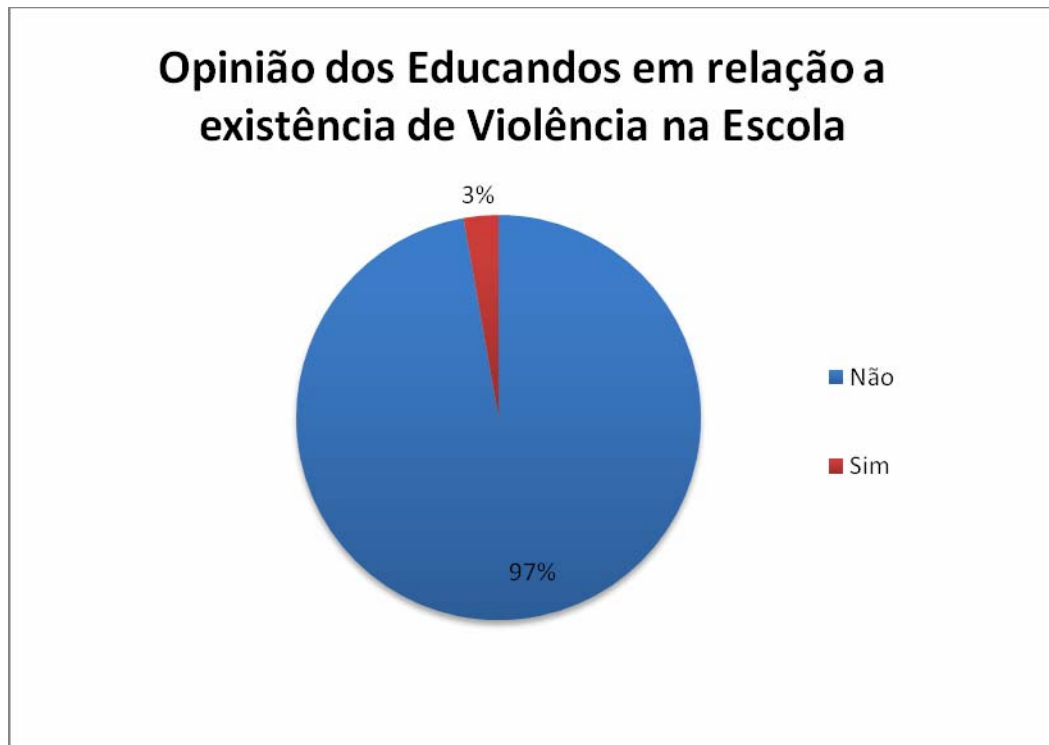


Gráfico 8: Opnião dos Educandos em relação a existência de Violência na Escola

Quando os alunos foram questionados se já sofreram algum tipo de violência, 89% responderam que nunca sofreram e apenas 11% disseram já ter sofrido violência (vide Gráfico 7).

O mais impressionante é que quando estes mesmos alunos foram questionados se existia violência na escola apenas 3% responderam que existe e 97% disseram que não existe violência na escola (vide Gráfico 8). É uma percepção muito pequena de violência escolar, principalmente se for levado em conta o histórico desta Escola, tal como foi descrito em nosso texto. Desses 11% de alunos que disseram ter sofrido violência existe a possibilidade de que esta violência não tenha ocorrido dentro da Escola. Contudo não se justifica a baixa percepção de violência escolar pelos alunos.

Algumas hipóteses podem ser levantadas neste momento. Será que realmente não existe violência no CEF 07? Ou os alunos se sentiram acuados ou são pressionados de alguma forma pela Direção? Ou ainda será que a violência nesta escola ocorre somente de forma velada, simbólica de forma que nem os próprios colegas percebem que outro colega seja vítima de violência?

Antes mesmo de tentar encontrar uma resposta para esta baixa percepção de violência escolar, não é preciso fazer muitas conjecturas para perceber que existe uma contradição neste baixo percentual encontrado a partir da conjugação desse dado com os que se seguem. Por exemplo, no Gráfico 10, está compilado as respostas dos alunos quando questionados se já sofreram algum tipo de violência no CEF 07. Com este gráfico, muda-se a visão obtida até agora da existência de violência escolar, porque 28% dos alunos responderam ter sofrido violência nesta Escola, enquanto 72% disseram não ter sofrido. Esta contradição entre a percepção que os alunos têm de violência contra o que realmente acontece pode ser justificada de duas formas: ou a violência existente ocorre de forma velada e somente aqueles que sofrem sabem, ou a escola ignora e não debate de forma transparente com todos da comunidade as ocorrências de violência de modo a construir um certo desprezo dos estudantes por indicar que já tenha sofrido ou não algum ato de violência dentro da escola uma vez que não se sentem amparados pela instituição para resolver o problema

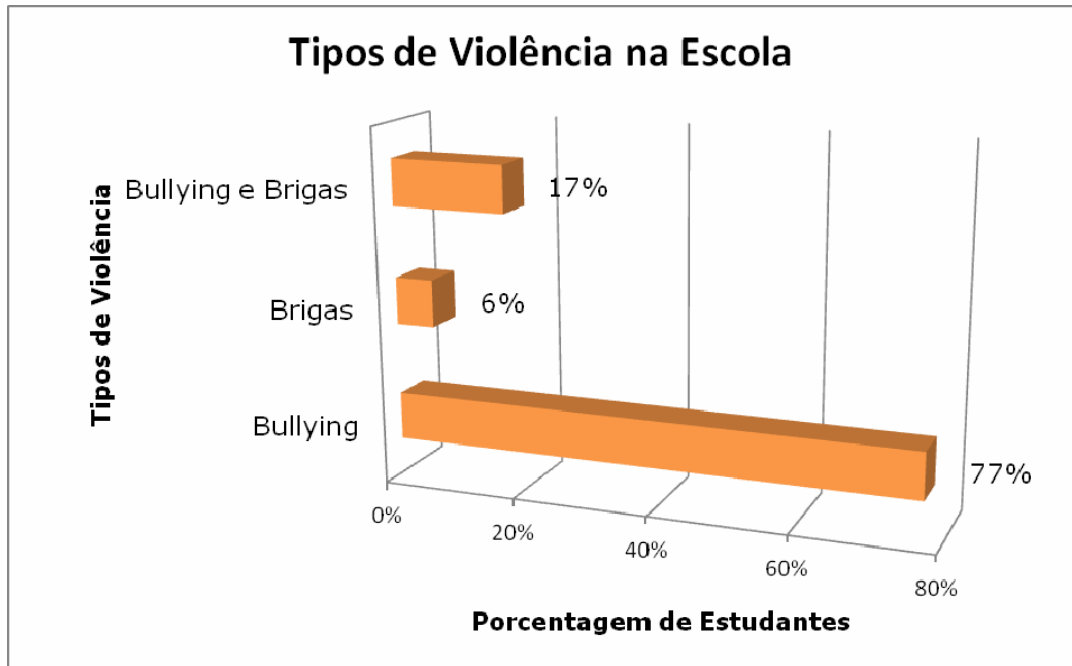


Gráfico 9: Tipos de Violência na Escola

Em consonância com o gráfico 8 temos o gráfico 9 no qual a porcentagem de estudantes que reconheceram existência de violência na escola as classificaram como Bullying e brigas 17%, briga 6%, e somente bullying 77% o que totaliza os 3% que responderam no questionário a existência de violência na escola.

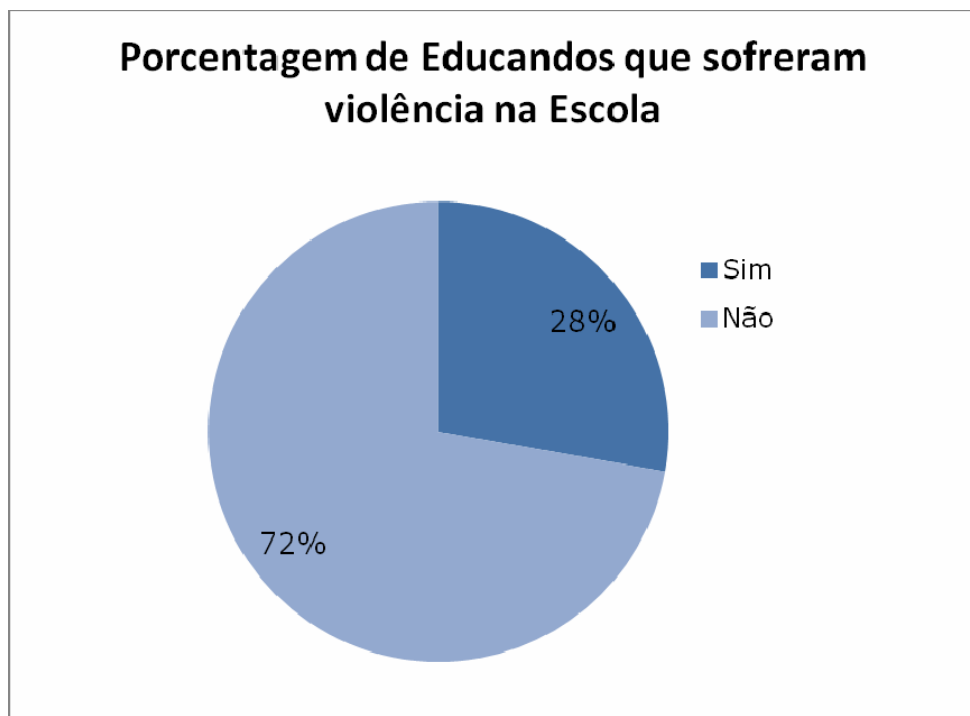


Gráfico 10: Porcentagem de Educandos que sofreram violência na Escola

Na mesma pergunta em que os alunos foram questionados se existia violência nesta Escola em conjunto outra pergunta foi feita: “Que tipos de violência acontecem nesta escola?”. Os resultados desta pergunta encontram-se no Gráfico 9. As respostas obtidas vão de encontro com a análise feita até agora. Isto, porque 77% dos alunos respondeu que a violência que ocorre na escola é o *bullying*, 17% disseram ser *bullying* e brigas os tipos de violências existentes e somente 6% responderam brigas. Logo, a maioria dos alunos acha que a violência que existe na escola é o *bullying*, o que reafirma a justificativa encontrada para a baixa percepção de violência, que é uma característica do *bullying* – difícil de ser percebida por aqueles que não são vítimas.

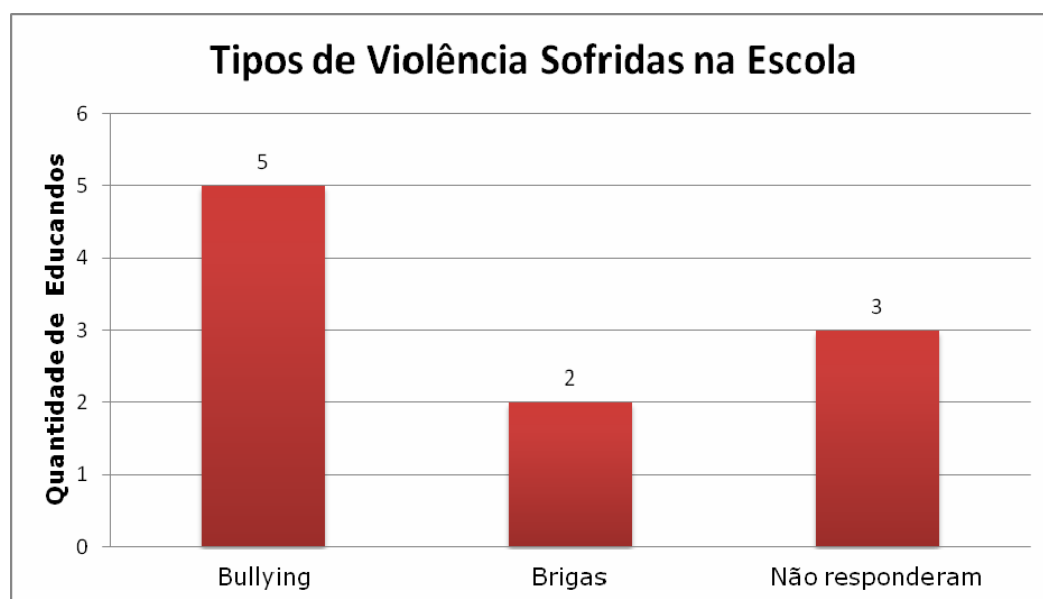


Gráfico 11: Tipos de Violência Sofridas na Escola

Quando os alunos foram questionados se já tinham sofrido algum tipo de violência na escola, outra pergunta em conjunto foi realizada que perguntava que tipos de violência teriam sofrido nesta Escola. Desta pergunta, gerou-se o Gráfico 11. Dos dez alunos que disseram ter sofrido violência nesta Escola, cinco responderam que sofreram *bullying*, e somente dois responderam brigas. Três alunos não quiseram responder o tipo de violência que sofreram.

Não existem muitos estudos do fenômeno *bullying* no Brasil. Mas alguns estudos da Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência (ABRAPIA) mostram que nas escolas brasileiras o *bullying* apresenta índices superiores quando comparados com os países europeus. Esses estudos da ABRAPIA apontam uma diferença em relação aos dados internacionais, pelo fato “de que aqui os estudantes identificaram a sala de aula como o local de maior incidência desse tipo de violência, enquanto, em outros países, ele ocorre principalmente fora da sala de aula, no horário do recreio. (ABRAPIA). Segundo Fante (2005 p. 46), os pesquisadores

já estão classificando o *bullying* como “um conflito global”, e destacam que se essa tendência permanecer haverá muitos jovens que “se tornarão adultos abusadores e delinquentes”.

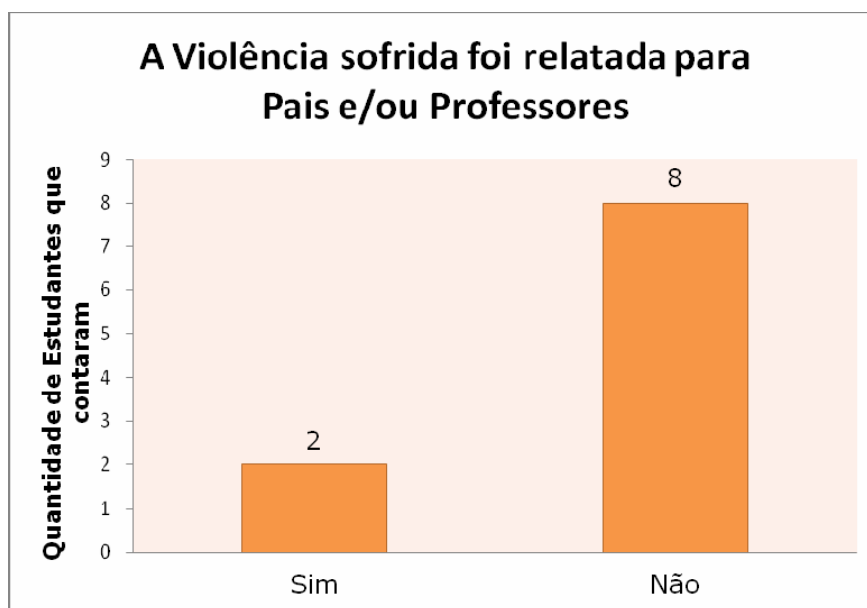


Gráfico 12: Violência sofrida foi relatada para Pais e/ou Professores

Segundo Fante, a realidade presenciada nas escolas é impregnada de diversas formas de violência, às vezes oculta, onde os alunos passam por situações de "humilhação, gozações, ameaças, imputação de apelidos constrangedores, chantagens, intimidações (FANTE 2005 p. 16) Quando isso ocorre, na maioria dos casos, os alunos, vítimas do Bullying ficam em silêncio, por se sentirem envergonhados ou com medo de novos ataques, por parte dos agressores. Esta realidade pôde ser observada quando os alunos foram questionados se contaram para os pais e/ ou professores quando foram vítimas de violência. Somente dois alunos afirmaram ter contado, enquanto oito deles ficaram em silêncio (vide Gráfico 12). Nesta mesma questão, perguntou-se qual foi a reação dos pais e/ou professores quando informados do ocorrido, oito não responderam, um respondeu que o pai foi à escola e o outro aluno que respondeu disse que o agressor foi expulso da escola (vide Gráfico 13).

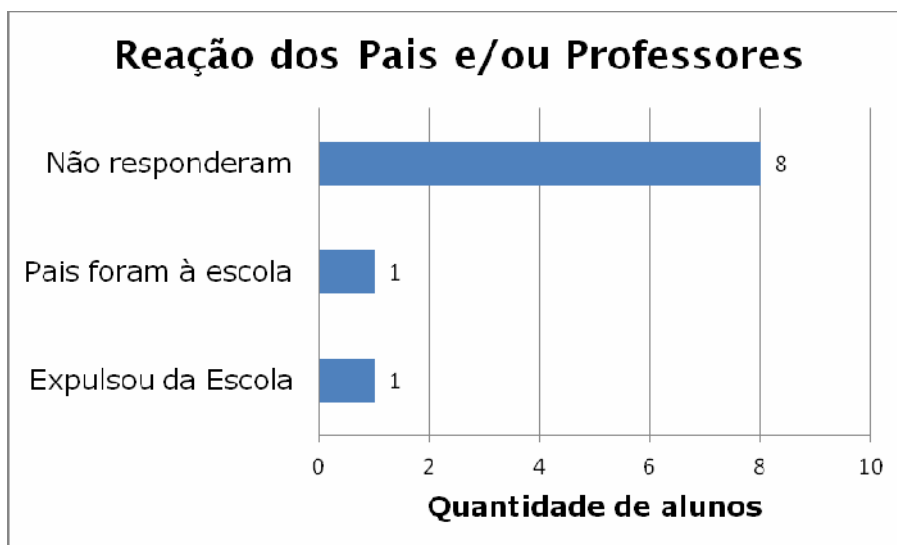


Gráfico 13: Reação dos Pais e/ou Professores

Em uma primeira análise do Gráfico 8, observou-se uma baixa percepção de violência escolar que logo foi posta em contradição com os dados obtidos no Gráfico 10, com esses dois resultados é possível concluir a ausência da percepção da violência simbólica na escola, indicando uma interpretação simplória desse fenômeno. Como uma forma de contornar esse problema, a proposta para o corpo docente é que sejam feitas palestras semanais com psicólogos, assistentes sociais e batalhão escolar, e após estas palestras alguns debates podem ser realizados entre os professores para que as opiniões e pontos de vistas seja socializados e seja possível criar uma base para suportar estudantes com problemas, no caso aqui supor não significa aguentar os rompantes de violência de um estudante e sim dar suporte para que este saia desta situação. Coordenações conjuntas para que juntos os professores possam executar planejamentos interdisciplinares que agreguem o seus conhecimentos com o cotidiano dos estudantes, subsidiando assim maior entendimento do conteúdo.

Além disso, conclui-se também a grande incidência de *bullying* na Escola e a confirmação que aqueles que sofrem se sentem acuados e não relatam os acontecimentos para os pais e professores.

Em suma, as análises dos dados nos fazem concluir que os educandos tem uma visão simplista sobre o que é violência escolar e violência simbólica, desta forma foram percebidas contradições ao analisar os gráficos 8 e 10 nos levando a acreditar que os educandos tomam somente para si a violência ocorrida com eles no ambiente escolar não as identificando como violência escolar e simbólica.

CAPÍTULO IV - CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo: analisar a visão que os educandos tem sobre violência escolar e como lidam com ela. Elegemos como objetivos específicos: identificar a concepção de violência escolar que os alunos tem; verificar as formas construídas pelos alunos quando vivenciam atos de violência na escola; identificar como os alunos vêem a forma com que a escola trata a violência. Com essa pesquisa notamos que os estudantes da escola CEF 07 da as norte não são marginalizados socioeconomicamente pois não há uma discrepância muito grande entre os dados encontrados na tabulação da primeira parte do questionários e os do IBGE e SIS.

Na segunda parte do questionário podemos obter dados que nos deu a noção do que esses estudantes vêem como violência escolar, pois no gráfico 6 58% classificou que violência seria agressões físicas e verbas e os outros 42% oscilaram entre agressão física, verbal e psicológica.

Quando questionados se já tinha sofrido algum tipo de violência 89% disseram que não e 11% falaram que sim a partir desses valores obtidos no gráfico 7 pode-se perceber que a visão dos estudantes sobre violência é limitada pelo grande percentual de educandos que falaram não ter sofrido nenhum tipo de violência ao longo de suas vida seja ela acadêmica ou social.

Na análise do gráfico 8 é que constatamos o quão limitados é o campo de visão dos estandes sobre o tema pois 3% falaram que existe violência no CEF 07 e 97% disseram não existir violência na escola. Mesmo que a violência não ocorra literalmente dentro da escolas não justificaria uma visão tão limitada de 97% dos estudantes.

O gráfico 9 vem complementando a informação obtida no gráficos 8 no qual os 3% que falaram que há violência na escola dessa porcentagem 77% classificou bullying como a violência mais latente na escolas os outros 23% oscilaram entre brigas e bullying.

O gráfico 10 traz dados das porcentagens de educando que já sofrem algum tipo de violência na escola sendo assim 72% sofreram algum tipo de violência no ambiente escolar e 28% não sofrem nenhum tipo de violência no âmbito escolar, desse 28% que sofrem violência 5 alunos responderam terem sido vitima de bullying, 2 disseram ter se envolvido em brigas e 3 não responderam nada essa quantidades de educandos está discriminada no gráfico 11.

No gráfico 12 temos os dados dos educandos que disseram ter relatado a violência ou para os pais ou professores. Dois educandos responderam ter relatado e 8 educandos não relataram, em junção com o gráfico 12 temos o gráfico 13 que trás o resultados dos relatos para os professores e pais, um dos educandos que relatou a violência sofrida coloca que o agressor foi expulso da escola e o outro educandos que relatou a violência sofrida para os pais disse que o pais foi ate a escola apurar o fato e os 8 estudantes que não responderam nada nos leva a crê que tal comportamento é condicionado pelo medo, ou medo de sofrer represarias mais severas por parte dos agressores entregues, ou a escola não levar o relato a serio e eles acabarem virando motivo de gozação dos demais colegas.

Em um panorama geral do trabalho realizado chegou-se a conclusão de que os estudantes da escola CEF 07 da Asa Norte tem uma visão restrita sobre violência escolar, e o que embasa essa conclusão é a contradição do gráfico 8 e 10, o que nos leva a crê que os educandos tem uma percepção muito rasa sobre violência escolar e violência simbólica. Desta forma foram percebidas contradições na análise dos gráficos que nos levaram a acreditar que os alunos percebem a violência ocorrida no âmbito escolar como um fato isolados vêm do forma micro restringindo a violência sofrida só para ele, o aluno não leva esse fato para o macro não vê como um todo que isso acontece com outros colegas, e não associa ao ambiente escolar, o que leva o aluno a não identificar as violências sofrida como violência escolar e simbólica.

Consciente de que este trabalho é insuficiente na abordagem desta temática, pois muito mais haveria a dizer, dado que o fenômeno da violência é muito amplo e surge em variadíssimos contextos, resta então cogitar que toda a sociedade deveria mobilizar para proteger os cidadãos de amanhã, para que não tenham um futuro sombrio, enredados em sofrimento, privações e sem projetos de vida.

Os resultados nos permitiram concluir a ausência da percepção da violência simbólica na escola, indicando uma interpretação simplista desse fenômeno. E a existência de *bullying* na escola.

BIBLIOGRAFIA

- AICHHORN, August. **Juventud Desamparada**. Biblioteca de Educación. 1ª Ed. Barcelona, 2006.
- BOURDIEU, P. **A Escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura**.
- BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude, **A reprodução: Elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- CHARLOT, Bernard. **A violência na escola: como os sociólogos franceses abordam essa questão**. Sociologias, Porto Alegre, ano 4, nº. 8, jul./dez 2002, p. 432-443.
- CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência**. In: Teoria e Debate, nº 39, São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998.
- FANTE, Cléo. **Fenômeno Bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz**. 2ª ed. Campinas: Verus, 2005.
- FREIRE Paulo. **Educação e Mudança**. 12º ed. Paz e Terra
- GADOTTI, MOACIR (1998): **Pedagogia da práxis**, 2.ª ed., São Paulo, Cortez.
- GUIMARÃES, Áurea Maria. **A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade**. Campinas: Autores Associados, 1996.
- _____ **Vigilância, punição e depredação escolar**. Campinas: Papyrus, 1985.
- _____ **O poder simbólico**. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2001.
- NOGUEIRA, M. A.; CATANI. Afrânio (orgs). **Escritos de educação**. Petrópolis, Vozes, 1998.
- MORIN, EDGAR (2001): **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, 3.ª ed., São Paulo, Cortez.
- PINHEIRO, Paulo Sérgio. **Relatório global sobre a violência contra crianças**. ONU, 2006.
- SPÓSITO, Marília Pontes. **A instituição escolar e a violência**. In: Cadernos de Pesquisa, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, nº. 104, pp. 58-75, jul. 1998.

VÁZQUEZ, Adolfo Sánchez. **A filosofia da práxis**. Trad. de Luiz Fernando Cardoso. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

VIGOTSKY, Lev Semenovich. Michael Cole ET AL. (org.). Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 7ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

APÊNDICE

Questionário Estudantes

1- Nome: _____ Idade: _____ Sexo: _____

(sua identificação não é obrigatória)

2- Mora com:

- a) pai e mãe
- b) só pai
- c) só mãe
- d) tios
- e) outros

3- Quantos moram na casa:

- a) 4 pessoas
- b) 5 pessoas
- c) 6 pessoas
- d) 7 pessoas
- e) Mais de 8 pessoas

4- Contando o salário de todos que trabalham na casa, a renda da família é de aproximadamente:

- a) um salário mínimo
- b) dois salários
- c) três salários
- d) quatro salários
- e) mais de quatro salários

*** O valor do salário mínimo atualmente é de R\$ 540,00**

5- O que você entende por violência?

6- Já sofreu algum tipo de violência? Qual?

7- Você acha que há violência na escola? Caso sim, quais os tipos de violência que acontecem nesta escola?

8- Você sofre ou sofreu violência aqui na escola? Em qual situação?

9- Quando sofreu a violência citada na questão anterior, você contou a seus pais ou professores? Se afirmativo, o que eles responderam? Tomaram alguma atitude?
